

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - CCB**

**ABRINDO CAIXAS DE MEMÓRIAS: ESCRITAS INVENTIVAS EM PESQUISAS
SOBRE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE**

MANOELA SEZERINO

Florianópolis

2009

MANOELA SEZERINO

**ABRINDO CAIXAS DE MEMÓRIAS: ESCRITAS INVENTIVAS EM PESQUISAS
SOBRE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Ciências
Biológicas da Universidade Federal de
Santa Catarina como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em Ciências
Biológicas.

Orientador: Dr. Leandro Belinaso
Guimarães

Co-orientadora: Dra. Vera Lícia Vaz de
Arruda

Florianópolis

2009

Dedico este trabalho aos meus amados pais, Ivo e Dag, por todos os sonhos que tiveram que abrir mão para que eu pudesse realizar o meu. A vocês todo meu carinho e minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Ivo e Dag, pelo amor incondicional, pelo zelo e carinho; por terem me ensinado a ser quem sou: orgulho-me de vocês e de mim! Agradeço pelo investimento financeiro ao longo desses anos todos, mesmo diante das dificuldades, e espero que daqui pra frente eu possa retribuí-lo.

Papito, obrigada por me mostrar as pequenas maravilhas da natureza, por me ensinar a amar a terra, os animais e as plantas; por ter me ensinado o valor inestimável que eles têm.

Mamis, obrigada por todas as comidinhas quentinhas na mesa, pelas roupas lavadas e as bagunças organizadas; por tentar compreender as minhas ausências e ter me poupado muitas vezes dos tediosos e cansativos afazeres domésticos.

Agradeço à minha irmã, Fabíola-fabulosa, por ser um exemplo diário de superação, força de vontade e alegria de viver. Que teu sorriso continue sempre iluminando nossos caminhos!

Agradeço ao meu irmão, André, pelas peripécias da infância e pelas muitas conversas biológicas e agrônômicas; contigo aprendi a não ser uma “eco-chata”.

Agradeço às tias, tios, primas e primos, pelas festas, pelas risadas, pela união e harmonia; obrigada por tantos bons momentos e pelo apoio nos momentos difíceis.

Família: vocês são o meu maior tesouro, meu porto seguro - amo cada um de vocês!

Agradeço ao meu namorado, José Augusto, pela paciência, pelo carinho, apoio, incentivo e por todos os colos; obrigada por tentar me entender, mesmo nas horas mais difíceis e por tornar a caminhada da vida mais leve, gostosa e divertida.

Agradeço ao Ralf, meu tiquinho de gente, pela espera diária na porta ou no portão, com o rabinho abanando e saltinhos de alegria; obrigada pelas inúmeras risadas e brincadeiras (tenho certeza que me divirto mais do que você).

Agradeço à Vidinha da tia, por ser tão carinhosa e me recepcionar sempre tão calorosamente; obrigada pelas lambidas mais sinceras de amor.

Agradeço às grandes amigas que fiz na Biologia: Lara, Mari, Miuki, Nina, Pri e Tita, pela parceria desde o início da faculdade; obrigada pelas conversas, pelas risadas, pelas festas,

pelas jantinhas deliciosas, pelo carinho, pelo aprendizado, enfim, por tudo de bom que vivemos juntas. Levarei vocês sempre no meu coração, não importa os caminhos que sigamos nem a distância que possa vir a nos separar.

Agradeço a Tathi, querida, pelas parcerias sempre positivas nos trabalhos, seminários e provas; obrigada pelo apoio nos momentos de cansaço, desilusão e raiva, e por ter me aberto as portas da Ambiens em um momento que eu tanto precisava. Finalmente chegamos onde tanto queríamos: sucesso e sorte daqui pra frente!

Agradeço à Helô e ao Tiri, pela parceria em Jurerê, no árduo trabalho de recuperação de áreas degradadas de dunas frontais. Não sei como agüentamos o sol escaldante do verão e aquele vento congelante do inverno! Obrigada pelas risadas e conversas, vocês fizeram deste o estágio mais divertido (apesar dos pesares).

Agradeço ao meu orientador, Leandro, pela imensa ajuda e paciência, por ter me acalmado nas horas de desespero e ter pensado comigo nas soluções para os problemas; obrigada por ter sido sempre tão presente.

Agradeço especialmente à Verinha, não fosse você este trabalho não teria saído. Obrigada por ter me ajudado a desvendar um pedaço da história do curso de Biologia, por ter me emprestado os “trabalhos-relíquia” os quais eu jamais teria acesso, por ter ajudado a pensarmos na estrutura do trabalho, por tê-lo lido e corrigido e, principalmente, por ser esta pessoa tão doce e querida, sempre disposta a ajudar.

Agradeço ao pessoal do TECENDO, pelas conversas, discussões, trocas de idéia, principalmente pelas sugestões e ajudas com o meu trabalho.

Agradeço aos professores e professoras do curso, em especial, ao Fiúza, à Verinha, à Margherita, à Yarinha, à Tânia, ao Ademir, ao Carlos Pinto, ao Paulinho, ao Ogliari, à Adriana, à Eneida, às Patrícias, à Narjara e ao Leandro. Obrigada por terem me ensinado, além dos conteúdos, o que é ser um educador de verdade.

Obrigada a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho e àqueles que compartilharam comigo mais uma etapa da minha vida.

“(…) que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”. (Manoel de Barros)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
CAMINHOS E DESCAMINHOS DA PESQUISA	9
Definindo o tema da pesquisa	10
Definindo metodologias: construção, (des)construção e (re)construção	11
O PONTO DE PARTIDA	20
Um dispositivo que deu certo	21
AS MÚLTIPLAS INVENÇÕES DE SI	24
Trajetórias: origens e repercussões	25
A inventividade da escrita de si: como os sujeitos narram suas experiências?	28
A multiplicidade de escritas e estruturas	38
DESVENDANDO INFORMAÇÕES	40
O que revelam as Trajetórias	41
ABRINDO UMA CAIXINHA DE MEMÓRIAS	49
Quando tudo começou... ..	50
REESCREVENDO A TRAJETÓRIA DA BIOLOGIA EM MINHA VIDA	55
Considerações finais	56
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICE I – Convite	64
APÊNDICE II – “Documento”	65
APÊNDICE III – Lista dos Orientadores Identificados	70
APÊNDICE IV – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	72

APRESENTAÇÃO

Eis aqui, enfim, o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Apresento a você leitor(a) uma pesquisa que desvenda uma parte da história do curso de Ciências Biológicas na UFSC e revela memórias de biólogos em formação, quando estes começam a se pensar educadores ambientais.

“Abrindo caixas de memórias: escritas inventivas em pesquisas sobre educação e meio ambiente” mostra quando os trabalhos em educação começaram a ser produzidos no Centro de Ciências Biológicas e a multiplicidade de escritas e estruturas neles encontrados – trabalhos redigidos em primeira pessoa, marcados fortemente pela subjetividade; trabalhos redigidos em terceira pessoa, totalmente impessoais; trabalhos com e sem referência à trajetória pessoal ou acadêmica; diferentes formas de narrar esta trajetória; trabalhos que seguem o padrão e a estrutura de pesquisas no bacharelado; trabalhos que seguem um padrão e estrutura próprios, etc.

O primeiro capítulo do meu TCC apresenta a parte metodológica da pesquisa. Nele eu conto do momento em que procurei a orientação, passando pelos caminhos e descaminhos que me levaram a escolher o tema e desenvolver este trabalho, até o desenrolar dos seus processos de construção, desconstrução e reconstrução.

O segundo capítulo trata do dispositivo construído no Projeto de Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, que foi utilizado para estimular os participantes da minha pesquisa a produzir narrativas sobre o tempo de construção dos seus TCC's – sobre os momentos de estudo, de pesquisa, de escrita, de encontros, de trocas, de experiências, de vivências, sobre dificuldades encontradas e/ou alegrias vividas. Como o(a) leitor(a) verá mais a frente, este dispositivo, contendo as narrativas, acabou por ativar uma série de informações e disparar questionamentos, os quais se tornaram ponto de partida para a escrita do meu TCC.

No terceiro capítulo estão algumas considerações sobre as Trajetórias, capítulos autobiográficos presentes em alguns trabalhos de educação e meio ambiente analisados em minha pesquisa. Em “As múltiplas invenções de si” eu conto quando tais capítulos começaram a ser escritos, as repercussões provocadas pela introdução de uma escrita narrativa bastante subjetiva em trabalhos de conclusão de curso e mostro quão plural e inventiva é esta

escrita de si. Além disso, este capítulo finaliza com uma exposição das diferentes características presentes nos trabalhos analisados.

O quarto capítulo revela as informações presentes nas Trajetórias. Neste capítulo o(a) leitor(a) encontrará relatos de alunos insatisfeitos com o curso, cheios de dúvidas e angústias. Encontrará também algumas narrativas que explicam (ou tentam explicar) o porquê da escolha pela Biologia, os motivos que levaram o graduando optar pela educação e escolher determinados temas de pesquisa. Também estão presentes relatos de visão de biólogo ideal e de ciência como verdade absoluta, entre outros. Sem dúvida um capítulo riquíssimo, que mostra o curso através dos olhos dos acadêmicos.

O quinto capítulo traz um histórico dos trabalhos escritos em educação no Centro de Ciências Biológicas, de 1996.1 a 2008.2, incluindo os títulos, autores e orientadores dos TCC's. Um capítulo que revela uma parte da história do curso e mostra o quão diversas são as pesquisas na área da educação.

Por fim, o último capítulo trata das considerações finais. Nele estão as reflexões geradas pela elaboração deste trabalho e também, em consequência delas, a re-escrita da minha própria Trajetória.

Convido agora, você leitor(a), a abrir comigo estas caixas de memórias. Boa leitura!

EXAMINHOS E DESCAMINHOS DA PESQUISA

Definindo o tema da pesquisa

A princípio, quando procurei pela orientação para desenvolver o TCC, sabia somente que gostaria de elaborar uma pesquisa na área da educação, tendo como temática 'meio ambiente'. Surgiu então a vontade de trabalhar sobre questões de sustentabilidade com alunos de ensino fundamental, motivada pela recorrência do tema na atualidade e pela vontade de me aproximar da escola, dos alunos e professores e entender como essa questão era trabalhada entre eles. Procurei uma escola que desenvolvia um projeto nesse sentido e acompanhei algumas aulas. Entretanto, o que encontrei era muito superficial e desconectado, e acabei desistindo dessa proposta por pensar que a pesquisa acabaria também por se tornar muito superficial.

Contudo, antes mesmo de procurar a escola e acompanhar as aulas, meu orientador já havia cogitado a possibilidade de se realizar um levantamento dos TCC's produzidos no Centro de Ciências Biológicas (CCB), relacionados ao campo da educação, a fim de criar um banco de dados para o curso e possibilitar o acesso aos trabalhos. Entretanto, tal idéia - com esse enfoque - não me agradava. Eu não queria realizar um levantamento para produzir gráficos, números ou fazer análises de tendências dos temas e categorizá-los.

Eu desejava produzir um trabalho relacionado à educação, mas que envolvesse pesquisa e que também pudesse se encaixar na proposta do TECENDO¹, grupo do qual passei a fazer parte em 2008. Conversando, chegamos juntos à conclusão de não produzir um trabalho de compilação de dados, com caráter quantitativo, e sim um trabalho qualitativo, que pudesse dar um retorno ao CCB sobre de que forma a elaboração da pesquisa de TCC contribui ou contribuiu para a atividade profissional do graduado. Almejávamos um trabalho que permitisse também a realização de uma análise pertinente ao campo da educação e dos estudos culturais.

Assim, surgiu a idéia de trabalhar com narrativas autobiográficas, ou seja, com escritas produzidas pelos próprios autores dos TCC's relacionados ao campo da educação, estimuladas através de um convite para que, os agora biólogos, relembassem o tempo de confecção da sua pesquisa e escrevessem sobre ele.

¹ Grupo de Estudos em Educação Ambiental e Estudos Culturais. Para maiores informações acessar: <www.grupotecendo.com.br>.

Definindo metodologias: construção, (des)construção e (re)construção

Começo contando que meu trabalho não seguiu uma metodologia pré-definida, ou seja, a pesquisa foi se construindo no (e de acordo com o) calor da investigação. Desta forma, este trabalho é resultado de muita construção, desconstrução e reconstrução – diversas alterações se fizeram necessárias ao longo do caminho, desde o projeto de pesquisa do trabalho de conclusão de curso até aqui, e posso dizer que seu processo metodológico envolveu duas etapas complementares.

A primeira etapa, pensada para o projeto, consistiu em realizar um levantamento dos TCC's produzidos no CCB, relacionados ao campo da educação, selecionar alguns destes trabalhos e seus autores, e elaborar e enviar um convite e um “documento” para participação na pesquisa². Porém, devido ao não recebimento de todos os “documentos”, os quais seriam o material central de análise da pesquisa, foi necessário incluir novos materiais e, assim, um outro processo metodológico foi se construindo durante a investigação.

Na primeira etapa, para dar início ao levantamento dos TCC's produzidos no CCB, relacionados ao campo da educação, consultei a Coordenadoria do Centro de Ciências Biológicas e fui informada de que não havia nenhum tipo de acervo ou banco de dados contendo os trabalhos em meio físico ou arquivo digital. O único local onde eu poderia encontrar algum trabalho era na Biblioteca Setorial do curso, visto que nem a Biblioteca Central nem a Coordenadoria do curso dispõem de espaço físico para abrigar todos os trabalhos produzidos.

De posse dessa informação fui à Biblioteca Setorial e, chegando lá, encontrei um cadastro dos TCC's produzidos no CCB de 1983 a 2008.1 – excetuando-se o ano 1984 para o qual não havia registro. De 1983 a 2002 as listagens foram escritas à mão e nelas constava somente o nome dos autores dos trabalhos, estando ausentes os títulos – o que impossibilitava saber quais trabalhos relacionavam-se à educação. A partir de 2003.1 a 2008.1 as listas foram emitidas sob a forma de ofício e, nestas, constava o nome dos autores dos trabalhos e os respectivos títulos.

Contudo, nem todos os TCC's listados encontravam-se realmente na Setorial e, além disso, havia a possibilidade de um ou mais trabalhos terem sido omitidos das listas, principalmente naquelas anteriores ao ano de 2003. A solução encontrada para localizar o maior número de TCC's foi partir dos orientadores. Através de uma pesquisa de levantamento

² O convite encontra-se no APÊNDICE I e o “documento” no APÊNDICE II. Mais à frente darei explicações sobre os mesmos.

do nome de professores que orientam ou já orientaram trabalhos de conclusão de curso pelo CCB – trabalhos estes relacionados ao campo da educação – foi possível construir uma lista³ mais completa e fidedigna.

A partir de informações contidas no Currículo Lattes de sete professores-orientadores identificados⁴ – docentes que já se sabia de antemão terem orientado monografias na área da educação – encontrei trinta trabalhos de conclusão de curso relacionados à educação, produzidos no CCB. Os trabalhos encontrados situavam-se entre os anos de 1998 e 2008.1. Além dos trinta trabalhos identificados, incluímos mais um, cujo orientador não era vinculado à universidade, mas foi produzido no CCB e relacionava-se ao campo da educação.

Para sistematizar a seleção dos TCC's e seus respectivos autores participantes da pesquisa, estabelecemos alguns critérios, entre eles: o número de trabalhos selecionados, período de elaboração-produção dos trabalhos e temática.

O número de trabalhos selecionados ficou estipulado em dez, a fim de fornecer material adequado para análise, mas não em excesso. O período estabelecido para seleção dos trabalhos correspondia aos últimos dez anos, ou seja, de 1998 a 2008.1 e ele foi escolhido por se tratar do período de maior produção de trabalhos relacionados à educação e, também, por ser mais recente, facilitando a localização dos autores. Já a temática escolhida foi 'educação e meio ambiente', devido à minha vontade inicial de desenvolver uma pesquisa com esse tema.

Dos oito orientadores identificados na primeira etapa, dois não tiveram nenhum trabalho selecionado, pois naquele momento consideramos que os trabalhos, apesar de relacionados à educação, não se encaixavam dentro da temática escolhida. Do total de trinta e um trabalhos identificados, quinze não estavam relacionados a meio ambiente. Desta forma, a temática foi o critério responsável pela exclusão de praticamente metade deles.

Ainda assim, dentre os seis orientadores restantes, havia dezesseis trabalhos possíveis de serem selecionados, então estabelecemos dois novos critérios: selecionar um trabalho por ano dentro do período estabelecido (1998 a 2008.1) e pelo menos um trabalho por orientador.

Seguindo estes critérios, todos os seis orientadores restantes tiveram pelo menos um trabalho selecionado, contudo não foi possível selecionar um trabalho por ano, pois nos anos

³ Todos os trabalhos relacionados à educação que foram identificados ao longo da pesquisa encontram-se descritos no Capítulo "*Abrindo uma caixinha de memórias*".

⁴ Dos sete professores-orientadores identificados, cinco possuem formação em educação (mestrado e/ou doutorado).

de 2005 e 2006 não encontrei nenhum TCC com tema relacionado à ‘educação e meio ambiente’.

Depois de selecionados os trabalhos, eu precisei localizar seus respectivos autores para convidá-los a participar da pesquisa. Os orientadores que possuíam algum contato dos seus ex-orientandos gentilmente me informaram telefones e/ou e-mail. Quanto aos demais, alguns consegui encontrar na Internet, pelo Currículo Lattes (CNPq) e Orkut⁵. A coordenadoria do curso também foi bastante prestativa, me ajudando a buscar as informações que eu precisava, mas o cadastro existente com os dados de alunos e, principalmente ex-alunos, muitas vezes estava desatualizado e não tive sucesso com os contatos que me foram passados. Dos dez autores selecionados, dois não foram localizados e precisaram ser substituídos.

Como havia a preocupação com o tempo - ainda tínhamos que enviar o convite para participação na pesquisa, aguardar a resposta de aceitação ou não, elaborar o “documento” a ser preenchido pelos participantes, enviá-lo e aguardar o recebimento – optamos por selecionar os dois trabalhos que ainda faltavam entre autores que conhecíamos e tínhamos contato direto e fácil.

Depois de todos os TCC’s definidos⁶ e de ter conseguido todos os contatos, minha maior preocupação era a de que as pessoas não quisessem participar da pesquisa, por falta de tempo, falta de vontade ou qualquer outro motivo. Caso isso acontecesse, teríamos que selecionar novos trabalhos, ir atrás dos contatos novamente e correr contra o tempo. Mas, para meu alívio e alegria, depois de enviados os convites, somente um autor declinou, os demais aceitaram com grande entusiasmo e demonstraram-se muito solícitos e prestativos. Eu e meu orientador ficamos muito contentes e empolgados com este resultado.

O convite foi enviado por e-mail a cada um dos autores selecionados, nele eu fiz uma breve apresentação, expliquei quem sou e sobre o que se tratava o convite, informei qual seria a contribuição de cada um e solicitei uma posição em relação à participação para que eu pudesse enviar o “documento” a ser preenchido por eles.

Com relação ao “documento”, estabelecemos duas questões centrais a serem respondidas: a primeira relacionava-se a lembranças do tempo de construção do TCC – memórias sobre os momentos de estudo, de pesquisa, de escrita, de encontros, trocas,

⁵ Orkut é uma comunidade virtual gratuita, criada com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Disponível em: <www.orkut.com.br>

⁶ Os trabalhos relacionados à temática ‘educação e meio ambiente’, selecionados para a pesquisa não foram identificados para preservar o anonimato dos participantes e assegurar sua privacidade.

experiências, vivências, também sobre dificuldades encontradas e alegrias vividas, enfim, sobre momentos do período de confecção do trabalho – e, a segunda, perguntava se a pesquisa de TCC contribuiu para a atividade profissional atual, como e por quê.

Deixamos bastante livre a forma de escrita com que eles responderiam as referidas questões; cabia aos autores escolher como desejavam escrever. Eles poderiam inventar um remetente e rascunhar uma carta, contar uma história, entremear poesias, tecer uma narrativa objetiva, inventar um conto, uma crônica, entre outras opções. Em função do curto espaço de tempo previsto para elaboração da pesquisa e posterior escrita, definimos um limite de tamanho de duas páginas e meia para a confecção do texto da primeira questão e uma página para a segunda, a fim de estabelecer uma previsão da quantidade de material a ser analisado e não excedê-lo.

Nossa intenção, ao produzir um “documento” aberto a diversas possibilidades de resposta e escrita, era a de que ele funcionasse como um dispositivo. Segundo Deleuze (1990), o dispositivo é um conjunto multilinear, composto por linhas de diferentes naturezas, as quais não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos, ao contrário, seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio, e essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras.

De acordo com França (2007) o dispositivo não é constituído apenas por sua parte técnica, ou por um equipamento tecnológico, mas por um regime de fazer ver e fazer falar; ele propõe estratégias, produz efeitos e experiências múltiplas. No meu trabalho, o “documento” se configurou em um dispositivo que permitiu às pessoas falarem de si, direcionando as perguntas, porém, sem controlar ou delimitar as respostas. Não queríamos respostas prontas, não sabíamos o que iríamos encontrar nas narrativas, queríamos provocar o desconhecido, produzir nos sujeitos da pesquisa novas experiências, despertar neles novas formas de enxergar o passado.

Solicitamos também aos participantes, o envio de uma imagem considerada representativa do momento de construção do TCC. Segundo Vasconcelos (2005), as fotografias (neste caso, as imagens) possibilitam recuperar pedaços de nossas vidas, a partir de registros aparentemente gélidos, estáticos e bidimensionais.

Nas lembranças estimuladas pelas fotografias, pedaços de vida ganham novos significados, entrelaçam-se com a imaginação do recordador. [...] O itinerário que trilhamos, a partir da foto, leva-nos a mergulhar no passado, a percorrer um território em que o ontem e o hoje se mesclam, misturando lembranças e imaginação (VASCONCELOS, 2005, p.114).

Segundo Creus (2001) “a subjetividade de nosso olhar constrói novos significados, transformando, com frequência, imagens aparentemente inalteráveis”. Dessa forma, pensávamos que as imagens selecionadas nos mostrariam como os sujeitos da pesquisa enxergam, hoje, o tempo de construção do seu TCC.

Dentre os questionamentos iniciais que vislumbrava poder tecer sobre as imagens que chegariam até mim estavam: Que imagens eles selecionariam para representar aquele tempo? Haveria ente os biólogos-educadores uma imagem recorrente? Ou seriam imagens muito diferentes? Elas fariam sobre o tema da pesquisa de cada um, sobre a formação universitária ou sobre a vida que levavam naquele momento? O meio ambiente (tema dos estudos) apareceria de que formas nessas imagens?

Com relação ao preenchimento do “documento”, a única exigência era a de que ele fosse feito à mão, como em uma carta. Optamos por esse recurso por entendermos que se a escrita fosse feita no computador, a resposta seria muito imediata, e nossa intenção era provocar um momento de parada, de reflexão e introspecção.

Segundo Larrosa (2002), as palavras produzem sentido, criam realidades e determinam nossos pensamentos, é a partir das palavras que pensamos e damos sentido ao que somos e ao que nos acontece:

(...) também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos (...). Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos (LARROSA, 2002, p.21).

Da mesma maneira, para Larrosa (2002), a experiência é o que nos passa, o que nos acontece ou o que toca, e a possibilidade de que isso aconteça requer um gesto de interrupção:

(...) requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p.24).

Solicitando aos participantes que escrevessem de próprio punho, acreditávamos tornar possível a ocorrência desse gesto de interrupção e, assim, trazer para a narrativa o relato das experiências vividas pelos autores e as transformações que tais experiências provocaram.

A princípio o “documento” seria enviado por correio, justamente para evitar que fosse respondido de forma imediata e automática. Entretanto muitos dos participantes da pesquisa solicitaram o envio mais rápido possível, em função de suas atividades e compromissos. Então tivemos que modificar essa premissa e, seguindo a sugestão de um dos autores dos TCC’s, o documento foi enviado por e-mail, com a condição de que fosse impresso e preenchido à mão.

A forma de devolução dos “documentos” também foi pensada via correio, mas somente os participantes não residentes em Florianópolis fizeram dessa maneira, os demais entregaram suas contribuições em mãos. Havia um prazo estabelecido para a devolução, mas nenhum dos autores conseguiu cumpri-lo.

Além do atraso na entrega, dos dez participantes selecionados quatro não enviaram o material e sequer me procuraram para esclarecer o motivo. Fiz diversas tentativas de contato com os mesmos e não obtive nenhuma resposta. Dos seis participantes que enviaram as respostas, apenas dois entregaram a imagem solicitada.

Fiquei bastante desapontada e fico me questionando sobre o(s) motivo(s) da não participação na pesquisa... Terá sido por falta de vontade, tempo ou comprometimento? Será que as perguntas elaboradas geraram algum tipo de desconfiança com relação à pesquisa? Poderá ter sido vergonha de se expor? Medo de voltar ao passado e se questionar sobre as próprias escolhas? Por que é cada vez mais difícil fazer com que as pessoas alterem sua rotina e se permitam parar, olhar, ouvir, escutar, tocar, sentir?

Enfim, com muitas perguntas na cabeça, apenas seis “documentos” em mãos e somente duas imagens recebidas, entrei em desespero. Comecei a pensar que nada daria certo, que não havia material suficiente para análise, que não haveria tempo para convidar novos participantes e que todo o trabalho havia sido em vão... Tive vontade de desistir da pesquisa. Foi através de muitas conversas com meu orientador que encontramos uma alternativa para preencher o vazio que existia, o que – inicialmente – não diminuiu a minha angústia.

Eu continuava apavorada, imaginando que meu trabalho viraria uma “encheção de lingüiça”, que ele não tinha nada a ver com biologia, com educação e com o TECENDO, que eu teria que começar do zero porque não encontrava relação com o conteúdo teórico que eu vinha estudando e os novos caminhos que estavam surgindo, e, para minha grande tristeza e decepção, eu pensava que ele não contribuiria com nada, nem com ninguém.

Mas, felizmente, a alternativa encontrada não só preencheu o vazio, como complementou o trabalho e o fez crescer. Minhas angústias se dissiparam e voltei a gostar do que estava fazendo. Depois de lermos com mais atenção os “documentos”, percebemos que eles continham pontos muito comuns, os quais geraram questionamentos diversos. Pensando onde encontrar mais informações, as quais talvez pudessem esclarecer tais questionamentos, resolvemos incluir na pesquisa a análise do capítulo de Trajetória, presente em muitos dos TCC’s escritos em educação.

Este capítulo, escrito pelos próprios autores dos Trabalhos de Conclusão de Curso, traz uma síntese dos caminhos trilhados até a elaboração da pesquisa, apontando escolhas realizadas, entre outros acontecimentos. E foi então que teve início a segunda etapa metodológica do meu trabalho.

Realizei um novo levantamento de trabalhos, buscando complementar a lista de TCC’s identificados e incluí quatro novos orientadores⁷, dos quais três não possuem formação em educação e geralmente orientam trabalhos em áreas específicas, como ecologia e botânica. Os trabalhos foram identificados da mesma forma que na primeira etapa: a partir de informações contidas no Currículo Lattes de docentes que já se sabia de antemão terem orientado pelo menos um trabalho relacionado ao campo da educação.

A idéia de incluir trabalhos orientados por profissionais de áreas distintas à educação surgiu em meio a indagações. Começamos a imaginar como seriam escritos estes trabalhos⁸ e passamos a nos questionar: O capítulo de Trajetória (ou algo semelhante) estaria presente nesses TCC’s? A subjetividade apareceria nesses trabalhos? De que forma? A linguagem empregada tenderia a se aproximar mais daquela utilizada em trabalhos científicos?

Além de incluir os novos orientadores, adicionei também os trabalhos defendidos no segundo semestre de 2008 e fiz um “pente fino” na listagem a fim de avaliar e ajustar os trabalhos quanto à pertinência da classificação. Os trabalhos que suscitaram dúvidas com relação à classificação na temática foram definidos pelos próprios orientadores, ou seja, eles estabeleceram quais TCC’s consideravam estarem relacionados à ‘educação e meio ambiente’. Já os trabalhos que apresentavam discrepâncias com relação à data foram ordenados de acordo com a data impressa no Trabalho de Conclusão de Curso e não com a data mencionada no Currículo Lattes dos professores-orientadores.

⁷ O nome de todos os orientadores identificados durante a pesquisa encontra-se listado no APÊNDICE III.

⁸ Até então nenhum trabalho havia sido lido. O levantamento dos TCC’s foi realizado a fim de identificar os seus autores, para que estes fossem convidados a participar da pesquisa.

Com isto, um dos trabalhos foi excluído da listagem e outros nove foram incluídos. O número de trabalhos produzidos no CCB, relacionados ao campo da educação, passou então de trinta e um para trinta e nove, e o número de trabalhos que se encaixam na temática ‘educação e meio ambiente’ passou de dezesseis para vinte e três. Ainda de acordo com a nova listagem, o período em que foram identificados os trabalhos de educação, se estendeu de 1998.1 a 2008.1 para 1996.1 a 2008.2.

Depois de identificados os trabalhos, estabelecemos que todos os TCC’s classificados dentro da temática ‘educação e meio ambiente’ seriam analisados quanto a presença ou não dos capítulos de Trajetória, quanto a diferenças entre a forma de escrita dos trabalhos orientados por docentes com formação em educação e os que não foram orientados por docentes com formação em educação, quanto ao conteúdo das Trajetórias e a maneira como foram narradas. Desta forma, eu pretendia responder à pergunta da pesquisa: como um sujeito se inventa, se narra pesquisador em educação ou educador ambiental?

Voltei à Setorial para localizá-los e prosseguir com a análise pertinente à pesquisa e, de todos os trabalhos que eu procurava, apenas um encontrava-se lá! Perplexa, fui informada que alguns trabalhos sumiram, outros foram levados embora pelos próprios autores do TCC e alguns nem chegaram a ser entregues ao curso. Então, meu orientador tinha razão quando falou da importância da criação urgente de um banco de dados, em meio físico e digital, que possibilite e disponibilize a consulta aos trabalhos.

É a própria memória do curso de Ciências Biológicas que se constitui com esses trabalhos e os enxergo como patrimônio intelectual do CCB. A possibilidade de consultá-los, além de dar visibilidade às diferentes pesquisas realizadas dentro do campo biológico, amplia o acesso ao conhecimento e permite que os trabalhos sejam utilizados como fonte de consulta e motivação para novas pesquisas.

Tive uma dificuldade imensa para localizar os trabalhos, o que poderia ter sido evitado se o referido banco de dados existisse. Só consegui acessá-los porque os docentes ainda em exercício que possuíam os TCC’s que eu necessitava, gentilmente me emprestaram. Dos vinte e três, apenas um não foi localizado.

Todos os participantes da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁹, o qual garante confidencialidade e assegura a privacidade quanto aos dados obtidos via “documento”. Somente serão divulgados dados diretamente relacionados aos

⁹ O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido encontra-se no APÊNDICE IV.

objetivos da pesquisa e em nenhum momento será vinculada identificação do participante. Da mesma forma, foi mantido o anonimato das narrativas retiradas das Trajetórias, a fim de assegurar a privacidade dos sujeitos da pesquisa.

Com relação às imagens solicitadas no “documento”, não será realizado nenhum tipo de análise e os questionamentos tecidos foram desconsiderados, pois, conforme citado anteriormente, o número de imagens recebidas foi insuficiente e não permite a realização de inferências.

Por fim, quero destacar a importância de se mostrar os bastidores de uma pesquisa: afinal, é no decorrer do processo investigativo que a pesquisa se constrói e todos os caminhos e descaminhos percorridos influenciam na construção da mesma. Penso que para um melhor entendimento e compreensão desse processo, o leitor deve ser informado e se apropriar de todos os fatores que interferiram nas tomadas de decisão: desde as angústias, as expectativas, as preocupações, o que não deu certo, até aquilo que foi pensado e descartado.

Pois, como nos diz Albuquerque (2007):

Tecer, costurar, bordar, escrever, como qualquer evento humano, por mais comezinho que seja, põe em relação a matéria e a idéia, a concepção ideal e o trabalho, a mão e a cabeça, o projeto e a ação, a natureza e a cultura, a coisa e a palavra. Qualquer produto, que aparece no final como algo acabado, passou por etapas intermediárias, por mediações. (ALBUQUERQUE, 2007, p.32).

Como compreender um produto acabado sem saber as etapas e mediações pelas quais passou? Além disso, se os bastidores não são mostrados, corre-se o risco de passar a impressão de que o processo de pesquisa é muito tranquilo, linear, sem rupturas, sem problemas ou dificuldades. Quando na verdade o que faz com que o trabalho cresça e tome forma é justamente esse processo de tentativas, erros, mudanças e acertos.

Fico feliz por nem tudo ter dado certo, por todas as angústias que vivi e todas as perguntas que surgiram no caminho. Foi assim que este trabalho se construiu e passou a fazer sentido para mim.

△ PANTO DE
PARTIDA

Um dispositivo que deu certo

A intenção de que o “documento” enviado aos participantes da pesquisa funcionasse como um dispositivo – ou seja, que ele se constituísse por um regime de fazer ver e fazer falar, que ele propusesse estratégias, que ele produzisse efeitos e experiências múltiplas – deu certo. Ele produziu-ativou-disparou realidades, mundos, sensações...

As contribuições, como passaram a ser chamadas as respostas das perguntas contidas nos “documentos”, tornaram-se o ponto de partida desta pesquisa. Pensávamos que o “documento” seria o ponto de chegada, mas seu regime de fazer ver e fazer falar foi tão intenso que, a partir dele, novas estratégias tiveram que ser propostas. Seus efeitos foram muito além do que imaginávamos.

Ao ler aquelas respostas, pontos muito comuns ‘saltavam aos olhos’. Existiam grandes semelhanças entre aqueles relatos: metade deles descrevia um tempo de construção do TCC como um período de dificuldades, insatisfações e/ou questionamentos, como pode ser observado nas transcrições que seguem:

“(...) Falar do meu TCC é falar de uma época conturbada de minha vida. Uma época de dúvidas, insatisfações profissionais e desleixo total pelas coisas da faculdade. Por isso a construção de meu TCC foi um grande marco na história de meus caminhos e meus anseios. Foi como um respiro, uma tomada de fôlego e de ar puro depois de estar imersa num mar de desgosto”. (C.1)

“(...) Há 6,5 anos fui pega por uma pergunta danada: e agora? Qual vai ser projeto de pesquisa? Quantas dúvidas, quantas incertezas”. (C.2)

“Posso descrever o tempo em que produzi meu TCC como uma fase turbulenta e difícil da minha vida”. (C. 3)

Além disso, também em metade das contribuições, aparecia o relato de uma forte preocupação com as questões e relações sociais:

“(...) vários fatores me levaram a perceber que eu queria trabalhar com pessoas, com as relações delas com o ambiente e vi que um caminho para isto era a Educação Ambiental”. (C.3)

“(...) Relembrando agora, porém, percebo que os momentos de maior interesse eram as leituras de artigos e relatos de pesquisa sobre o ensino de biologia, educação ambiental e educação em saúde. As leituras me apresentavam a formalização de uma atividade que me parecia bastante atraente. Mostrava-me um outro fazer em biologia. Eu que sempre idealizei a igualdade e justiça social via na socialização do conhecimento uma possibilidade de colaboração minha na construção do Brasil”. (C. 4)

“(...) O TCC é parte de minha trajetória, de meu envolvimento junto aos movimentos sociais e movimento estudantil. Por uma boa fase na graduação eu estava determinado a querer transformar a sociedade”. (C.6)

Esses relatos chamaram a atenção justamente pela recorrência dos seus temas. Eles pareciam pintar um quadro onde a educação se constituía como um meio para dar vazão aos descontentes ou como um bálsamo diante de dúvidas e questionamentos. Entretanto, esses relatos pareciam refletir apenas parcialmente a realidade, afinal, eu me perguntava: são somente os descontentes que escolhem a área da educação para estudar, desenvolver pesquisas e trabalhar? Será que é a preocupação com as questões sociais que leva as pessoas a buscar a educação? Como será que outros sujeitos se inventam, se narram pesquisadores em educação ou educadores ambientais?

Os relatos não deixavam muito claro de que forma a educação passou a fazer parte de suas vidas e de que maneira ela veio suprir os anseios e trazer satisfação. Além do trecho já citado em C.4, apenas outros dois participantes apontam ou dão pistas da maneira como a educação supriu seus anseios:

“(...) Ah... que alívio ter descoberto a Educação Ambiental! Ler, escrever e pesquisar com prazer, com amor e com cuidado. É o que lembro da elaboração desse trabalho. Coisa que nunca tinha feito antes. A filosofia da Educação Ambiental e a convivência com as crianças alimentavam meu desejo de educar, de produzir, de ser útil, de mergulhar nessa profissão que é, sim, linda e extremamente gratificante”. (C.1)

“(...) Acabei me envolvendo com outras disciplinas e áreas afins, como a agroecologia, antropologia e assim vai. Mas mesmo assim, não conseguia visualizar um caminho que me completasse ou satisfizesse todos os meus anseios. As disciplinas em educação (...) abriram novas possibilidades, fui em frente no desafio de fazer uma pesquisa que envolvesse todas as coisas que eu estava vivendo”. (C.6)

Também pelo número limitado de linhas, os participantes pouco explicaram as razões de tantos questionamentos e insatisfações com o curso. Curiosa e intrigada fui buscar mais informações no capítulo de Trajetória presente em alguns trabalhos em educação, na tentativa de compreender todas estas questões e trazer um panorama que pudesse refletir melhor a contribuição da educação dentro do curso de Ciências Biológicas na UFSC.

Por fim, com relação à segunda pergunta presente no “documento”, todos os participantes afirmaram que a construção do TCC contribuiu para a atividade profissional atual.

“Meu TCC foi um divisor de águas. A parti dali eu definitivamente decidi que queria ser uma educadora. (...) Aliás, se não fosse o meu TCC, acredito que jamais teria pensado em ser professora”. (C.1.)

“Realizar essa pesquisa foi importante tanto para minha vida pessoal quanto profissional. (...) A sensação que tenho é que escuto mais, percebo mais, valorizo mais as pessoas com histórias de tempo mais longas que a minha. (...) Para minha profissão acredito que isso seja importante, pois, como trabalho no âmbito da educação ambiental, saber valorizar as trajetórias de vida, saber escutar e respeitar as pessoas é necessário (...) e isso para mim tornou-se mais simples depois de realizar meu TCC”. (C.2)

“Meu TCC contribuiu bastante para minha atividade profissional. Como professora de Ciências acho importante atentar aos diferentes olhares que podem surgir em uma sala de aula. Acho que o TCC contribuiu principalmente neste sentido: o de aprender a ouvir e reconhecer que existem outras verdades, outros mundos, outras possibilidades além das minhas limitadas visões”. (C.3)

“A história de construção do meu TCC mistura-se com a história de construção da minha carreira profissional atual. Não apenas pelo fato de meu objeto de estudo ter se tornado uma de minhas ferramentas de trabalho, mas porque aquela época foi definitiva na opção pelo ofício de educadora” (C. 4)

“A construção do meu TCC foi essencial para a definição dos caminhos que decidi seguir: cursar o mestrado, ministrar aulas na UFSC, assumir a docência como a minha profissão. (...) As leituras e vivências, proporcionadas pela construção do TCC, mostraram as delícias da educação. A escolha em seguir este caminho não poderia ter sido feita se eu não tivesse entrado em contato com os professores (orientadores), com os textos e com a forma de elaboração de uma pesquisa”. (C.5)

“O processo de TCC aliado a trajetória acadêmica, colaboraram e qualificaram muito nas ações e intervenções junto aos outros mundos sociais. No TCC estudei muito e escrevi a minha relação com o outro, sobre alteridade, entre outras, além de que, a definição do meu papel frente ao outro. Hoje a forma que me posiciono e trabalho ao me relacionar com os grupos sociais tem relação direta com o que me despertei ao estudar e escrever o TCC. (...) Atualmente trabalho na elaboração de projetos socioambientais, execução de propostas, sempre ligados ao terceiro setor, envolvendo a relação com as comunidades, com o governo, com financiadoras, entre outras, mediando conflitos, construindo ou colaborando com os movimentos sociais, dentro de ‘meu papel social’, no qual a construção do TCC foi essencial”. (C.6)

AS M LTIPLAS
INVEN ES DE
SI

Trajetórias: origem e repercussões

O capítulo de Trajetória tem uma história bastante recente nos TCC's de Biologia, pois se mistura com a história do surgimento dos trabalhos produzidos em educação. Ele começou a aparecer timidamente em 1998, em um trabalho orientado pela Professora Vera Lícia Vaz de Arruda, e começou a ganhar corpo e nome com os trabalhos orientados pelo Professor Leandro Belinaso Guimarães, a partir do ano de 2001.

O capítulo de Trajetória é o primeiro capítulo do TCC e nele o autor do trabalho conta um pouco sobre a sua vida (pessoal e/ou acadêmica), apontando os caminhos trilhados até a escolha do tema da pesquisa. Dentre os títulos encontrados para nomear as Trajetórias estão: “Coisas da Vida”; “O caminhar – entre a trajetória universitária e a construção deste projeto”; “Vencendo desafios”; “Caminhos percorridos e eis me aqui”; “Caminhos trilhados até aqui ou trilhas que me trouxeram até aqui”; “O significado encontrado”; “Eu? Professora? Nunca!”; “Caminhos trilhados na educação ambiental”; “De uma pesquisadora de laboratório a uma educadora ambiental: percursos em construção”; “De repente, um biólogo pesquisador em educação”; “O meu caminhar”; “A trajetória da biologia em minha vida”; entre outros.

É importante ressaltar que não são todos os trabalhos em educação que apresentam este capítulo de Trajetória e, vale lembrar, que somente os trabalhos categorizados na temática ‘educação e meio ambiente’ foram analisados quanto a sua presença. Dos vinte e três trabalhos, doze apresentaram as Trajetórias e apenas dois fizeram referência à vida acadêmica, de forma pontual, em breves parágrafos no capítulo de introdução, a fim de contextualizar a pesquisa. Os outros nove trabalhos não mencionavam fatos de sua vida pessoal e/ou acadêmica.

Quando iniciei minha investigação sobre a inclusão do capítulo de Trajetória nos TCC's, duas perguntas muito me intrigaram: Por que escrever esse capítulo? E qual a reação da biologia ‘dura’¹ diante de tanta subjetividade e da escrita em primeira pessoa? Para respondê-las fui indagar aqueles que promoveram a inclusão de tal capítulo nos trabalhos.

Quanto à primeira questão, eles me responderam simples e claramente que o capítulo de Trajetória foi pensado e proposto a fim de proporcionar uma reflexão pessoal do aluno. Galvão (2005) nos ajuda a compreender a importância da escrita de situações vividas. Segundo a autora

¹ Entenda-se por biologia ‘dura’ aquela que se utiliza do discurso e do método científico para legitimar seus trabalhos.

(...) a escrita de situações vividas apresenta-se como o recriar dessas mesmas experiências de uma forma tão intensa que o sentido posterior que lhes é dado aprofunda e esclarece a própria experiência. A linguagem assume assim uma potencialidade de organização de sentido que, posta em prática pelo próprio ou por um investigador, traz à superfície imagens, histórias que foram sendo cruciais ao longo de um percurso pessoal (GALVÃO, 2005, p.328).

Como os trabalhos em educação lidam, freqüentemente, com o outro, com a alteridade, com relações estabelecidas, trocas, valores pessoais, com significados e toda subjetividade que estes processos carregam, torna-se importante se conhecer, refletir sobre si, sobre os caminhos percorridos e as escolhas realizadas. É através da escrita da(s) Trajetória(s) que se abre a possibilidade desta reflexão, e com isso, a possibilidade de re-significar as experiências vividas. É como nos diz Mota (2005):

(...) as pessoas têm e constroem suas redes, suas singularidades, seus valores, que perpassam pelas redes, significados e singularidades dos outros, num processo contínuo e complexo de construção (des)construção, (re)construção; trocas e negociações. Eu comigo, eu com o outro (...) Nossas vidas e histórias são retalhos com formatos, desenhos, cores diferentes que se juntam, separam. E, nesse processo, fazem sentido ora aqui, ora ali. E assim somos todos nós, com nossas redes, nossas complexidades, de acordo com o nosso cotidiano, nossas subjetividades, ressignificando nossas vivências e experiências passadas a cada vez que nelas mexemos (MOTA, 2005, p.66).

Com relação à reação da biologia ‘dura’, fui informada de que houve uma resistência à maneira como o trabalho é escrito, e não ao capítulo em si. Ou seja, há uma resistência em aceitar a linguagem na forma de narrativa, escrita em primeira pessoa e cheia de subjetividades, em contraposição à linguagem tomada como “mais científica”, utilizada nos demais trabalhos em biologia. O bom e velho paradigma do status de cientificidade: aquilo que não pode ser observado, medido, calculado e passível de ser reproduzido, não é ciência.

O rigor científico é avaliado pelo cumprimento de seu método, pela utilização do pensamento racional e, portanto, segundo esta concepção, trabalhos em educação escritos de forma subjetiva, que expõem emoções, sensações, sentimentos, deixam transparecer as marcas deixadas no corpo, na pele de quem escreve, não são considerados ciência.

Porém, é preciso lembrar que o conhecimento científico é produzido por pessoas e, sendo assim, está subordinado às condições de construção humana. Trata-se então, como diria Santos (2000), de um conhecimento inscrito na política cultural, um conhecimento regido por interesses, inserido nas relações de poder, produzido/construído/inventado historicamente, a partir de discursos em disputa. Uma construção que está longe de ser natural e não se apresenta isenta de valores ou julgamentos.

Ainda de acordo com Santos (2000):

Não há (...) uma distinção muito clara que possamos fazer entre o que é “fato” do mundo (verdade) e o que seja ficção (criação humana); tais distinções são, aqui, improdutivas. Cada vez se diz mais que estas coisas estão se misturando, formando híbridos, dos quais vamos perdendo a noção dos limites que guardam suas fronteiras, a pureza que supúnhamos possuir. Nesse tempo de hibridização (de humano e máquina, cultura e natureza...) as fronteiras tornam-se tênues, não mais dando conta de nos situar frente às multiplicidades do conhecimento, frente às polimórficas identidades desse tempo (SANTOS, 2000, p.243-244).

Diante destas considerações, me pergunto o que faz dos trabalhos ditos “científicos” (aqueles que seguem o método científico e utilizam a linguagem científica) mais legítimos que os trabalhos que não podem ser medidos, quantificados e repetidos, os quais utilizam a linguagem subjetiva? Pois, além da construção social, política, cultural, etc, a construção das subjetividades também está em jogo na constituição humana, tornando ainda mais difícil distinguir verdade de criação.

Será possível separar a subjetividade do sujeito? Até que ponto os trabalhos “científicos” são neutros de sentimentos? Ficariam os desejos, as emoções, as expectativas e os interesses aprisionados em um local seguro, a fim de não contaminar os dados e não interferir nos resultados? Por que os trabalhos que levam em conta a subjetividade não podem ser considerados ciência se as condições de construção humana são postas da mesma maneira tanto aos que seguem o método científico quanto aqueles que não o seguem? Por que um trabalho precisa imitar o status de cientificidade para ganhar legitimidade e visibilidade? O que faz da subjetividade algo tão desprezível a ponto de desqualificar uma pesquisa?

Não quero, com isso, defender um modo de pensamento em detrimento de outro. Apenas gostaria de problematizar esta visão que permeia os trabalhos que levam em consideração outras práticas e formas de se expressar, que não as tradicionais. Como diz Santos (op. cit.):

(...) nem a ciência de tradição é a detentora de todas as verdades, tampouco os outros conjuntos de práticas e de discursos, tidos como não-científicos, o são. O importante, aqui, é discutir quais as relações que se dão entre eles: o quanto de crença, valores, política, etc. têm o conhecimento científico e o quanto de científico tem os outros discursos e práticas (SANTOS, 2000, p.238).

Acredito que um trabalho pode sim envolver subjetividade e ao mesmo tempo ser ciência, desde que tenha um objetivo, um suporte metodológico e teórico que o sustente. Trazer a subjetividade para dentro de uma investigação não é perder o rigor que um estudo acadêmico pressupõe. A diferença é que, ao invés de trazer números, estes trabalhos trazem

sensações; ao invés de gráficos, trazem emoções; ao invés de utilizarem a linguagem fria e impessoal, utilizam uma linguagem que toca.

Para concluir, trago uma reflexão sobre a importância da criação de novas metodologias para pesquisas, as quais possam romper com os modelos consagrados pelo modo hegemônico de se produzir ciência. Segundo Alves (*apud* MOTA & PACHECO, 2005) é preciso:

(...) *narrar a vida e literaturizar a ciência*. (...) pensar acerca da necessidade do desenvolvimento de novas maneiras de escrever para assumir e comunicar novas preocupações, problemas, fatos e achados presentes nas narrativas dos sujeitos *praticantes* dos cotidianos em suas memórias individuais e coletivas (MOTA & PACHECO, 2005, p.11-12)

E é pensando neste sentido que finalizo com Galvão (2005), apontando alguns aspectos a favor da utilização da investigação de narrativas em pesquisas:

Como afirmam Withrell e Noddings (1991), as histórias são poderosos elementos de investigação. Dão-nos relatos de pessoas verdadeiras em situações reais, confrontando-se com problemas também reais. Fazem-nos ultrapassar a indiferença que, geralmente, provocam as amostras, os tratamentos estatísticos e os assuntos impessoais. Convidam-nos a especular sobre o que se pode mudar, lembrando-nos, ao mesmo tempo, constantemente, da nossa falibilidade. Além disso, contar e ouvir histórias podem ser um forte sinal de atenção e carinho pelos outros. (GALVÃO, 2005, p.342-343).

A inventividade da escrita de si: como os sujeitos narram suas experiências?

Analisar as Trajetórias foi como abrir uma caixinha de surpresas: a cada trabalho lido uma nova forma de narrar-se surgia, mostrando que as pessoas se inventam e se narram de formas diferentes. Isto é facilmente explicável e compreensível se pensarmos do ponto de vista da experiência – daquilo que nos passa, nos acontece, nos toca – e pensarmos que o sujeito da experiência é alguém aberto à sua própria transformação (LARROSA, 2002).

De acordo com o autor (*op. cit.*), o saber da experiência é aquilo que se adquire ao longo da vida, no modo como vamos dando sentido ao que nos acontece. E o modo como damos sentido ao que nos acontece é muito particular, pessoal e subjetivo. Nas palavras de Larrosa:

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido da sua própria existência, de sua própria finitude. (...) Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum,

mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida (LARROSA, 2002, p.27).

É claro que não encontraríamos histórias iguais, afinal cada um tem suas particularidades e fez suas escolhas ao longo da vida. Mas, o que quero dizer, é que a maneira como o capítulo foi narrado não seguiu um padrão: não encontramos capítulos de Trajetórias contados de forma igual. Isto porque, ainda que a escrita do capítulo de Trajetória tenha acionado o mesmo acontecimento a todos, o modo como cada um deu sentido ao que lhe aconteceu é que fez a diferença.

Para exemplificar e melhor esclarecer o que estou tentando dizer, apresento trechos retirados das Trajetórias, que tratam sobre a motivação pela escolha do curso de biologia. O leitor irá perceber que há diferentes formas de narrar este acontecimento: há aqueles que remontam aos tempos da infância para justificar sua escolha pela biologia; há os que contam como ou por que escolheram o curso, sem dar muitas explicações; há aqueles que explicam detalhadamente os motivos e sentimentos que o levaram a escolher o curso e há, ainda, os que não mencionam motivo algum para essa escolha e iniciam a Trajetória falando da vida acadêmica.

“Embora nunca nos meus anos de estudo tivesse me interessado pela área de Educação, a vida me fez cruzar este caminho. Ingressei no Curso de Ciências Biológicas como uma segunda opção, na verdade nunca tendo sonhado em ser Bióloga ou, muito menos, Professora”. (T.1)

“Optei pela Biologia, por possuir uma preocupação muito forte com a temática ambiental”. (T.3)

“(…) Minha admissão no curso de Ciências Biológicas aconteceu dez anos após o término do ensino médio em Técnico de Contabilidade. (...) O que me fez mudar de contabilidade para Biologia? Tenho uma resposta muito simples para essa pergunta. (...) Eu não possuía o ‘dom’ de ficar sentada o dia todo, diante de uma máquina e de papéis. Mas a decisão de cursar Biologia não foi de imediato. No primeiro vestibular tentei passar para Educação Física, com pretensão futura de me especializar em dança. Na época fiquei sabendo que esta especialização não existia em Santa Catarina (...). Acabei desistindo da Educação Física. Fiquei durante cinco anos somente trabalhando (...). No final de 1989, decidi que deveria retomar meus estudos. (...) Foi nessa época que escutei sobre a importância da Biologia, como a grande promessa do futuro, mas o que mais me atraiu foi o que ouvi sobre o sucesso em torno da genética, o início do Projeto Genoma e a Biotecnologia”. (T.4)

“Durante a infância e a adolescência, tinha a idéia que seria um engenheiro civil. Gostava de imaginar grandes construções e logo que concluí o primeiro grau, hoje ensino fundamental, entrei na Escola Técnica Federal de Santa Catarina (...) Naquela época eu andava de skate e surfava. Muitas vezes, junto com alguns amigos, acampava na praia para ficar surfando. (...) Ficava lá, em um ambiente delicioso de Mata Atlântica. O contato direto com estes ambientes naturais me

energizava, trazia paz e felicidade. (...) finalizei o ensino médio e fiz um curso pré-vestibular. Tentei meu primeiro vestibular para Engenharia de Produção Civil, não passei. Logo após o verão iniciei um novo estágio em outra construtora (...) terminei o estágio em poucos meses e fui contratado pela empresa. Trabalhava de segunda a sexta em período integral. Passava a semana inteira esperando que chegasse o final de semana para poder acampar. (...) No ano seguinte me inscrevi novamente no vestibular da UFSC para o mesmo Curso, Engenharia de Produção Civil. No final daquele ano resolvi fazer Biologia. Notei que a construção civil não me dava tesão. Eu trabalhava pra ter dinheiro pra viajar e ficar em ambientes naturais. (...) Aquele vestibular eu perdi. Já havia feito minha matrícula e descobri que já não queria mais aquilo. Queria estudar Biologia e de alguma forma trabalhar com a conservação do meio ambiente”. (T.5)

“Em agosto de 1997 iniciei o curso de Biologia. Já na primeira semana de aula fui procurar estágio no Laboratório de Mamíferos Aquáticos (LAMAQ) tamanha era minha paixão pelos mamíferos aquáticos”. (T.6)

“Antes mesmo de ingressar no curso já me interessava por ações educativas de valorizações do meio ambiente e pelo trabalho de organizações não-governamentais. Quando iniciei oficialmente no curso de biologia comecei a me interessar mais profundamente pela E.A.” (T.9)

“Sempre fui uma pessoa muito curiosa. A minha infância foi recheada de momentos muito interessantes e de contato com a natureza que atiçaram a minha curiosidade e fizeram com que eu me aproximasse cada vez mais da vida. Por isso, digo que essa curiosidade e essa sede de ver a vida em todas as suas nuances são as principais causas de eu estar aqui, escrevendo o meu trabalho de conclusão de curso em Ciências Biológicas”. (T.11)

“Hoje, quando sento para escrever este trabalho, penso nos caminhos (ou descaminhos) que me trouxeram até aqui. Lembro-me então da minha infância. Enquanto meu irmão desmontava todas as máquinas ao seu alcance e sonhava com invenções cheias de alavancas e roldanas, eu me ocupava com tudo o que era vivo. Com os ‘pequenos milagres’ ao meu redor. Tudo atiçava a minha curiosidade. Os morcegos nos pés de ameixa, as galinhas coloridas do vizinho, as minhocas, as borboletas, libélulas, meu pé de goiaba. (...) Refugiava-me perto do mato: nos dia em que estava triste, curava-me subindo em árvores ou com uma ida ao Parque perto da minha casa. Concluo então, que é destas pequenas vivências de criança que me decidi por cursar Ciências Biológicas”. (T.12)

“(…) Difícil precisar o momento da minha vida em que passei a ter muito interesse em estudar a vida e o comportamento dos animais. Parece, até mesmo, que esse desejo se consolidou em mim desde sempre. A possibilidade de mesclar estudos mais teóricos com práticas e saídas de campo, que me colocariam em contato com a natureza, foi determinante na minha escolha por estudar Ciências Biológicas no Ensino Superior”. (T.13)

“(…) Lembro-me de que, na infância e no início da minha juventude, conforme os anos passavam, minha curiosidade e meu fascínio pelo mundo vivo aumentavam cada vez mais. E como o lugar onde eu morava era muito rico em diferentes formas de vida, ele proporcionou-me estar sempre em contato com coloridas e cheirosas flores, pomares de apetitosas e inúmeras frutas, diferentes insetos, encantadores bem-te-vis; enfim, talvez tenha sido tudo isso que me instigou o desejo de seguir uma formação em Biologia”. (T.14)

“Precisar o exato momento em que a biologia entrou na minha vida é muito difícil. Talvez a única afirmação precisa com relação a isso seja a de afirmar o momento em que me decidi a prestar o vestibular para cursar Ciências Biológicas na UFSC. (...) Desde pequenos meu pai nos ensinou, a mim e a meus irmãos, o amor e o respeito por toda forma de vida. Nos ensinou a enxergar a beleza de cada flor se abrindo na primavera, nos ensinou a admirar os animais e a cuidar da natureza. E é por isso que afirmo que não consigo precisar o momento em que a biologia entrou na minha vida: ela já estava lá, desde que me conheço por gente. Estava nas tão esperadas férias no sítio, em dar milho pras galinhas, em tirar leite da vaca, em correr atrás dos porquinhos, pintinhos e coelhos, em correr dos ‘bois brabos’ e dos gansos, em subir nas árvores pra comer todo tipo de fruta, em plantar uma árvore, em colher as verduras da horta, em botar a mão na terra, tomar banho de rio, pescar, cair nas valas, se sujar de barro, enfiar espinho de pinheiro no pé, em estourar a pinha e fazer a sapecada do pinhão ali no chão, estava em admirar o colorido das aves e acordar com seu canto, estava no cri-cri dos grilos, no coaxar dos sapos, no cheiro de terra molhada depois da chuva, no gosto da comida feita no fogão à lenha, estava em fazer uma trilha e encontrar ninhos de pássaros (com ovinhos ou não), em descobrir tocas de tatu ou, de repente, em se deparar com filhotinhos de gambá no oco de um tronco...”. (T.15)

Talvez, aqueles que não mencionaram a infância, ou outro período vivido, não o tenham feito justamente porque não atribuíram valor a ele. Não o consideraram como um acontecimento marcante, influenciador ou decisivo para a escolha do curso. Mas, aqueles que o fizeram, que trouxeram elementos da infância, provavelmente deram um sentido especial a esta experiência, de forma que, de tão marcante, ela vem relatada com riquezas de detalhes e sensações.

Esta diversidade de maneiras de relatar experiências pessoais também apareceu sob outros aspectos: há aqueles que fazem da sua vida um livro aberto, narrando acontecimentos de sua vida pessoal, de sua história particular, mostrando o quanto esses acontecimentos influenciaram suas escolhas na vida acadêmica; ao contrário disso, há os que narram acontecimentos vividos na academia, os quais acabaram por influenciar a vida pessoal e os seus sentimentos. Há os que descrevem minuciosamente o período da graduação (as diversas atividades realizadas, congressos, estágios, viagens, etc.), porém deixam transparecer muito pouco seus sentimentos. Há ainda, os que passam para o papel todas as emoções vividas, das tristezas às alegrias, e nos fazem chorar com suas narrativas.

“(...) Eu nunca havia esquecido a experiência com o MST e esta passou a ser referência em minha vida. Conheci o MST, no 3º semestre do Curso (...). Todo o processo de ida até lá, ver o local, estar acampado debaixo de lona preta, participar da rotina de um acampamento, comer junto com as famílias, olhando em seus olhos, escutar as suas histórias de vida, de sofrimentos, de alegrias e mais do que isto, de luta pela sobrevivência, uma luta pela terra e por um Brasil justo foi, sem dúvida um marco que alterou minha forma de conceber o mundo. Foi um ver e sentir muitíssimo forte (...). Com este contato, agora enxergava as temáticas sociais como a saúde, a educação, a agricultura, a habitação, o meio ambiente entre outras, com outros prismas”. (T.3)

“(...) No início do curso foram muitas noites de sono perdidas e bastante dificuldade na tentativa de redigir algumas páginas dos relatórios de Ecologia, Geologia, Zoologia, Botânica e Biofísica. Tive medo de fracassar, porque a cada fase terminada a próxima parecia mais difícil. (...) A situação se complicou um pouco mais quando decidi aumentar a família: com a chegada dos filhos, várias noites ficava estudando até 3 ou 4 horas da madrugada. Com o acúmulo do cansaço, o esforço empregado não rendia muito.(...) No momento de escolher a área do estágio I, fiquei bastante indecisa. Pensei em fazer o estágio no Departamento de Microbiologia e Parasitologia, depois em Embriologia mas desconsidereei porque, com filhos pequenos, não teria com quem deixá-los nos finais de semana, quando certamente teria que passar talvez até dez horas ou mais em laboratório. Naquele momento, eu não tinha consciência de que um trabalho de TCC exigiria intensa dedicação e disponibilidade, qualquer que fosse a área escolhida. Assim, estando eu na condição de acadêmica, mãe e dona de casa, achei que teria de adequar meu TCC à minha estrutura de vida”. (T.4)

“(...) Meu trabalho na obra era em período integral e o Curso de Biologia, também, assim eu não consegui conciliá-los. Larguei meu trabalho e passei os dois primeiros semestres da Universidade com parte do dinheiro que eu havia guardado durante os anos de trabalho. Aquilo começou a me deixar mal. Eu não podia continuar assim, precisava arranjar alguma forma de ter dinheiro. O segundo semestre, em especial, foi muito difícil. Ali atravessei minha primeira crise dentro da Universidade. Estava estudando muitas coisas que não eram exatamente o que queria. Não estava conseguindo me manter financeiramente. Tinha que estudar demais, muitos trabalhos, provas e coisas assim. Começou a me faltar tempo para a prática de esportes e aventuras na natureza. Eu não sabia mais se era exatamente aquilo que eu queria. Entrei numa grande crise existencial”. (T.5)

“(...) gostaria de comparar a nutrição de grandes felinos em cativeiro e na natureza. Ao pesquisar sobre este tema com os professores, me decepcionei com as dificuldades sobre o embasamento teórico e a necessidade de procurar um orientador fora da UFSC. Depois tentei o laboratório de Fisiologia Respiratória, me senti amedrontada diante de tantos equipamentos, computadores, nitrogênio líquido, balança eletrônica... Fugi, isto definitivamente eu sabia que não gostaria de ser, uma bióloga de laboratório. (...) Durante uma saída de campo, conversando com as amigas, a professora Vera percebeu minha preocupação e me convidou para conversar um outro dia. Daquela conversa na sala da Verinha, me recordo especialmente da sensação ao caminhar para casa, me sentia mais leve, alegre, entusiasmada pelas idéias da horta, da agronomia, pelas crianças”. (T.7)

“(...) Eu deveria ter mais ou menos uns sete ou oito anos de idade quando o maior sonho da minha vida era ser professora. (...) Brincar de ‘escolinha’. Essa era a melhor de todas as brincadeiras. Os banquinhos da cozinha viravam carteiras escolares onde os ‘alunos’ escreviam sentados no chão. O quadro-negro de brinquedo, o giz colorido, a régua para apontar cada sílaba na hora da leitura do texto no quadro, as provinhas (feitas uma por uma para cada um)... Tudo preparado com o maior cuidado e carinho para montar, aos poucos, um universo. Por que é isso que uma sala de aula é: um universo de pessoas, pensamentos, atitudes, segredos... Por que, com o passar do tempo, a idéia de ser professora já não era mais assim tão atraente? Começo a perceber que, quanto mais me tornava ‘aluna’, menos vontade tinha de ser professora. (...) Cheguei à Universidade repelindo a idéia de ser professora mesmo sem nunca ter parado para pensar como poderia ser. Foi um valor imposto, um conceito errado, senso comum. Uma visão parcial que deixou às escuras outros lados da profissão. Pois bem, foi na Universidade que surgiu a primeira oportunidade para repensar a idéia de, algum dia, vir a dar aulas. A princípio, eu não iria fazer Licenciatura, mas conversando

com colegas e com meus pais, achei que seria melhor já fazer e 'ficar livre' disso logo (...). As primeiras matérias eram uma chatice, confirmando tudo o que já estava consolidado na minha cabeça. (...) Até chegar a 'Instrumentação do Ensino de Biologia I'. (...) Comecei a perceber um mundo diferente daquele que eu havia pintado. Daquele que eu havia vivido. (...) O mundo da educação ficava, a cada segunda-feira (dia da aula), um pouquinho mais colorido. Descobri o quanto poderia ser divertido dar aulas, tanto para mim quanto para os alunos. (...) Sei que foi a minha vontade de mudar que abriu passagem para que um sonho de infância voltasse à tona. Mudar o padrão de ensino desmotivador, monótono e limitado ao qual fui submetida. E assim surgiu a primeira faísca". (T.10)

"(...) Comecei a atuar na Educação Ambiental ao integrar uma equipe que desenvolvia um projeto de pesquisa chamado 'Artes Corporais e Aventuras na Natureza'. A pesquisa estava pautada na proposição e análise de possibilidades de novas relações do ser humano com a natureza. Práticas corporais como tirolesa, rapel, rafting e corrida de orientação foram realizadas com alunos de uma escola pública de Santo Amaro da Imperatriz – SC. (...) Minha segunda experiência foi quando parti para uma nova vivência na Educação Ambiental formal em conjunto com o grupo PET – Biologia (Programa de Educação Tutorial), do qual faço parte e em parceria com alunos do curso de Engenharia Sanitária e Ambiental da UFSC. O projeto Fazer e Aprender Educação Ambiental na Escola Municipal Desdobrada José Jacinto Cardoso, em Florianópolis – SC, iniciou em março de 2004 e dura até os dias atuais. (...) Outro estágio que me proporcionou uma visão mais ampla de ambiente foi realizado na Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis (Floram), na Gerência de Educação Ambiental. Ao atuar em visitas da Floram em instituições de ensino e em recepções de escolas em parques do município, pude conhecer diversas comunidades desta ilha e compreender como as relações sociais fazem parte do meio ambiente. A última experiência que tive foi em sala de aula. Não como uma palestrante ou como pesquisadora/extensionista vinda da Universidade que entra em contato com os alunos apenas uma vez por semana. Desta vez eu era a Professora (...). E foi aí que descobri o que é o cotidiano escolar: muito trabalho e 30 adolescentes em uma sala com diferentes origens, necessidades, anseios, afinidades, realidades, dificuldades e corações. Não apenas isto, mas também conheci os reais limites e possibilidades de uma unidade escolar da rede pública. Trabalhei, senti medo, chorei, ri e, apesar de tudo gostei! Não fiquei satisfeita com o salário!". (T.11)

"(...) Quando ingressei na faculdade gostava de praticamente tudo. Primeiramente influenciada pela grande quantidade de tempo que passava vendo filmes sobre natureza, queria ser igual aos biólogos de documentários, em suas indumentárias cor cáqui em busca do 'incrível desconhecido'. Comecei a trabalhar então com comportamento de antas, um trabalho que me parecia bem próximo ao dos meus colegas aventureiros. Não deu muito certo. As coisas não eram tão românticas quanto eu imaginava., pois o campo não tinha tantas aventuras quanto as que apareciam naqueles documentários da 'National Geographic', da 'Discovery' e do 'Globo Repórter'. (...) Claro que tinha sua importância e beleza, mas para mim, a cada dia tudo ia ficando um tanto cansativo e monótono. Então, um dia, fiz a seleção do PET – Biologia e passei. (...) Fiz amigos, aprendi de tudo um pouco e tive meu primeiro contato com a educação ambiental. (...) Eu gostava, estava perto de várias pessoas que eu admirava e ficava feliz em contribuir um pouquinho com a vida daquelas crianças, mas o projeto não satisfazia de todo meus desejos, minhas perspectivas, pois muitas vezes me questionava se realmente o objetivo de ampliar as visões daquela comunidade quanto a seus problemas ambientais seria alcançado. (...) Paralelo ao PET estagiava no Laboratório de Drosophilídeos, com ecologia desses insetos. Gostava muito, pois tinha a oportunidade de trabalhar em campo e em laboratório. Imaginava que ficaria naquela área por muito tempo. Entretanto, com o tempo comecei a me decepcionar com aquele trabalho. Minhas lindas mosquinhas e as maravilhosas saídas de barco até as Ilhas de Moleques do

Sul, onde coletava os insetos, de repente se transformavam em vários números e gráficos coloridos, que, para mim, faziam cada vez menos sentido. (...) Naquela mesma época apareceu a oportunidade de dar aulas para o ensino fundamental e médio na rede particular de ensino. Fui novamente impulsionada pela curiosidade, pela aventura do novo e pela esperança de finalmente me encontrar. Em meio ao giz, às provas e à bagunça dos alunos, fiquei apaixonada”. (T.12)

Apesar de o modo como damos sentido ao que nos acontece ser muito particular, pessoal e subjetivo, não podemos esquecer a influência das relações sociais como formadora de valores, juízo e opinião. Construídos ao longo da vida dos indivíduos, esses valores norteiam as escolhas e tomadas de decisão.

Segundo Galvão (2005) “A realidade cotidiana é percebida por cada um de nós de um modo muito particular, damos sentido às situações por meio do nosso universo de crenças, elaborado a partir das vivências, valores e papéis culturais inerentes ao grupo social a que pertencemos”. E isso é claramente percebido através das falas já citadas.

Ao recordar o passado para escrever o capítulo de Trajetória, os sujeitos acionam a memória e, baseados no seu universo de crenças, atribuem valor ou não a determinados acontecimentos; ao fazê-lo, justificam as suas decisões e escolhas. Kenski (s/d) vem reafirmar o caráter social/coletivo/cultural da memória, dizendo que “a memória é algo existente na interioridade dos indivíduos e dos grupos sociais, determinada pelas relações que esses indivíduos desenvolvem com a cultura e que vai orientar seus atos e suas escolhas no percurso de suas histórias de vida”.

Vasconcelos (2005) também nos mostra que a memória é sempre mais que algo individual:

Embora se baseie na história de um sujeito e carregue as marcas de sua singularidade, a memória remete ao social. Aponta para vivências comuns e experiências partilhadas por um grupo, contribuindo para a constituição de sua identidade coletiva. A configuração de nossas lembranças se faz a partir dos “quadros sociais da memória” – presentes nos espaços e outros referentes da coletividade, dos grupos em que estamos inseridos (VASCONCELOS, 2005, p.116).

Assim como não é possível negar a existências de diferenças, também não há como negar a existência de semelhanças nesses capítulos, entretanto, elas dizem respeito à estrutura do mesmo e não à maneira de contar a Trajetória. Todas seguem uma linearidade, tem começo, meio e fim e acompanham a ordem dos acontecimentos. Na escrita dessas Trajetórias não há rupturas e as pessoas se utilizam de argumentos específicos para legitimar suas falas.

Mas quem garante que tais argumentos não foram criados no momento da escrita e não passam de artifícios para convencer o leitor de que aquilo que foi escrito é verdade? Pois, como nos diz Jaguaribe (2007): “A escrita não decorre da imaginação fantasiosa, mas da ficcionalização da sua própria experiência. Para tornar-se convincente, esta escrita deve estar imbuída de algo que lhe dê poder de persuasão, a famosa pregação da sinceridade que também se coaduna com a autenticidade”.

Ou, como diz Villanueva (1992):

Aí está a realidade da autobiografia: em seu enorme poder de convicção. Nada mais verdadeiro que a vida do outro, por ele contada (...). O eu narrador e protagonista sustenta uma estrutura de incalculável força autenticadora, garantida por um ato de linguagem dentre os mais comuns da conduta verbal dos humanos. E o leitor é seduzido pelas marcas de verdade que o escritor de si, seja sincero ou falaz, credita com sua mera presença textual. (VILLANUEVA, 199, p.28)

Quando lemos as Trajetórias não nos perguntamos o quanto de verdade há nelas, pois tomamos como real e verdadeiro aquilo que está escrito. Não nos ocorre questionar a veracidade dos fatos ou supor o quanto de imaginação, inventividade e ficcionalização há nas narrativas autobiográficas. Porém, não podemos esquecer que a escrita de si tem sim um caráter ficcional e inventivo, que decorre também, do fato de a memória ser seletiva e atemporal. Kenski (s/d) nos ajuda a compreender as implicações disto:

A memória é seletiva e envolve, não apenas lembranças, mas também silêncios e esquecimentos. O que é narrado é, praticamente, uma reconceitualização do passado de acordo com o momento presente. As pessoas não têm, em suas memórias, uma visão fixa, estática, cristalizada dos acontecimentos que ocorreram no passado. Pelo contrário, existem múltiplas possibilidades de construir-se uma versão do passado e transmiti-la de acordo com as necessidades do presente. (...) no relato oral ou escrito das memórias, o sujeito busca construir uma identidade pessoal que, em alguns casos, não é, exatamente, a mesma que ele possuía no passado. (...) geralmente no momento em que as pessoas vão relatar situações de suas vidas, elas aproveitam para *passar a limpo* o passado e construir um todo coerente, onde se mesclam situações reais e imaginárias. (...) o que é relatado exprime relações entre a individualidade do sujeito e um plano cultural e social mais amplo (valores, status, posicionamentos...). (KENSKI, V. M. s/d. p.109).

Nesse ato de passar a limpo, o que se torna narrado não é o passado em si, mas *uma* entre as possíveis narrativas que, a partir dele podemos construir (PACHECO, 2005). Acontece que, ao escrever as Trajetórias isto normalmente não é problematizado, o capítulo é escrito sem questionamentos e passa a ficar totalmente naturalizado. De todas as Trajetórias analisadas, apenas duas apresentaram questionamentos quanto a veracidade das próprias narrativas:

“(...) No ato de minha escritura vou me configurando outra, ao mesmo tempo em que tudo aquilo que me constitui e me constituiu reverbera no texto que escrevo. Desta forma, não assumo qualquer ideal de neutralidade, tenho minhas histórias, meus posicionamentos políticos e ideológicos, meus sentimentos, estou conectada, hibridizada, com os tempos e os espaços nos quais vivo. (...) Assim, vou, agora, então, contextualizar a pesquisa através de uma exposição sucinta da minha trajetória, pelo menos daquela que considero pertinente apresentar aqui”. (T.8)

“(...) Preciso dizer que, antes de tudo, as histórias que conto a meu respeito a vocês não podem ser consideradas como sendo o roteiro real, o completo da minha vida. Revelo aqui alguns fatos, situações, momentos que julgo importantes na minha caminhada, mas que não estão na íntegra, em vista de que não caberiam todos aqui. Não haveria linhas suficientes para contar-lhes tudo. Ademais, o que está disposto nesta seção não foi escolhido ocasionalmente por mim. Foi assim feito, porque atribuí algum sentido a cada uma dessas situações. Quem sabe, elas não sejam, de fato, tão relevantes e, quiçá, daqui algum tempo, passados dias, meses, anos, eu atribua outro valor a essas mesmas situações e, dali em diante, elas nem sejam mais abordadas como importantes na minha vida”. (T.14)

Quando lemos o trecho *“vou, agora, então, contextualizar a pesquisa através de uma exposição sucinta da minha trajetória, pelo menos daquela que considero pertinente apresentar aqui”* (T.8), percebemos que a autora deixa claro que esta Trajetória é *uma* entre as possíveis Trajetórias que poderiam ter sido escritas e, que ela escolheu aquela que julgou mais adequada ao que se pediu. Ou seja, o simples fato de solicitar a escrita da sua trajetória pessoal para compor o capítulo do TCC, direcionou *uma* forma de escrita, fez com que ela selecionasse alguns acontecimentos específicos, em detrimento de outros. Se, diferente disto, lhe tivesse sido solicitada a escrita da sua trajetória pessoal para compor o capítulo de um livro, a letra de uma música ou um poema, provavelmente teríamos outra Trajetória, composta por outros acontecimentos.

No outro trecho citado, o(a) autor(a) assume que suas histórias podem não ser *“o roteiro real”*, revela apenas o que julga importante na sua caminhada e diz que o que está disposto não foi escolhido ocasionalmente, foi assim feito porque atribuiu sentido a cada uma das situações narradas. Mais que isso, assume ainda que talvez essas situações não sejam de fato tão relevantes e, que em outro momento, novos valores sejam atribuídos a essas mesmas situações ou elas nem sejam mais consideradas importantes.

Ao ler essas duas narrativas, captamos sem dificuldade o que Ribes (2005) quer dizer com:

Rever o passado não significa repeti-lo como de fato o foi, mas re-significá-lo à luz do presente e dos desejos futuros, buscar nossa história (...) não significa apenas fazer o relato daquilo que foi, transformando-a em legenda. Implica olharmo-nos nos olhos, fazendo o balanço daquilo que fizemos de nós mesmos e, ainda, com as

aparas dos sustos e das perplexidades, formularmos nossos projetos de futuro. (RIBES, 2005, p.41).

Ainda a partir das considerações tecidas, faço uma análise da minha própria Trajetória. Quando fui escrevê-la para compor o Projeto de TCC, utilizei argumentos que pudessem corroborar as justificativas para todas as escolhas que descrevi naquele capítulo.

Por exemplo, fui buscar na minha infância², argumentos que justificassem o meu interesse e encantamento pela natureza, como se isso, somado aos demais argumentos, fosse responsável pela escolha de cursar biologia. Pode ser que as experiências vividas na minha infância tenham influenciado tal escolha, porque associei à natureza a lembrança de bons momentos; com certeza atribui um significado todo especial àqueles momentos, mas naquela época eu nem sabia que existia a profissão Biólogo, eu nem pensava no que eu queria ser no futuro.

Dizer que “*a biologia já estava lá, desde que me conheço por gente*” é muito relativo. Falo isso hoje, do presente, quando eu olho para o passado com olhos de uma quase bióloga. E se eu tivesse escolhido fazer engenharia ou outro curso qualquer? Provavelmente eu diria que gostava das férias no sítio simplesmente porque aquilo era diferente de tudo o que eu fazia durante o ano, porque não havia compromisso, era só diversão! Mas como eu precisava de argumentos para justificar a minha escolha pelo curso, consciente ou inconscientemente, achei que ficava bonito e coeso apresentar este contato com natureza como um fator para tal tomada de decisão.

Até então, nem eu desconfiava que meus argumentos fossem inventados. Contudo, refletindo agora, percebo que inventei muitas das justificativas de acordo com aquilo que eu queria afirmar, ou melhor: eu re-signifiquei o passado à luz do presente, em consonância com as minhas necessidades e para que ele fizesse sentido, ou seja, formasse um todo coerente quando visto do presente.

E assim a maioria das Trajetórias foi escrita, ou melhor, inventada / re-significada – o que não as invalida, nem as desmerece. E muito menos ofusca a beleza e a riqueza das narrativas.

² Trecho T.15 transcrito na página 31.

A multiplicidade de escritas e estruturas

Ao analisar os diferentes trabalhos produzidos na área da educação, dentro da temática ‘educação e meio ambiente’ encontrei trabalhos redigidos em primeira pessoa, marcados fortemente pela subjetividade; trabalhos redigidos em terceira pessoa, totalmente impessoais; trabalhos sem referência alguma à trajetória pessoal ou acadêmica; trabalhos com referência à trajetória pessoal ou acadêmica; diferentes formas de narrar esta trajetória; trabalhos que seguem o padrão e a estrutura de pesquisas no bacharelado; trabalhos que seguem um padrão e estrutura próprios; enfim, uma multiplicidade de escritas e estruturas!

Com exceção dos trabalhos orientados pela Professora Vera Lícia Vaz de Arruda, todos os outros TCC’s orientados por professores que não possuem formação em educação³ apresentaram um padrão e modelo de escrita semelhante aos trabalhos desenvolvidos no bacharelado, ou seja, redigidos em terceira pessoa, impessoais, sem referência à trajetória pessoal ou acadêmica e com a estrutura básica “introdução – objetivo – metodologia – resultados e discussão – considerações finais”.

Já os trabalhos orientados por professores com formação em educação, chamaram a atenção por não possuírem um padrão ou modelo específico à área. Neste caso misturam-se trabalhos redigidos em primeira pessoa com trabalhos redigidos em terceira pessoa e a subjetividade também aparece de forma diferenciada: há os que não apresentam esta marca, há os que a apresentam de forma suave, outros de forma moderada e há ainda, aqueles que apresentam intensa subjetividade.

Com relação à estrutura dos trabalhos orientados por professores com formação em educação, eles transitam entre a estrutura básica padrão e uma estrutura própria. Eles tendem a apresentar o padrão “introdução – objetivo – metodologia – resultados e discussão – considerações finais”, mas não se prendem muito a esta organização: os títulos não são necessariamente estes; freqüentemente os autores “dão a sua cara” ou “a cara do trabalho” para os títulos; há capítulos de outra ordem inseridos, dependendo da pesquisa; e os trabalhos normalmente possuem um componente artístico associado (capas elaboradas com materiais diferentes, ilustrações, imagens, colagens, etc.).

Da mesma maneira, há uma variação com relação ao aparecimento de referência à trajetória pessoal ou acadêmica: em muitos trabalhos ela está ausente; em outros aparece de

³ Considera-se professor com formação em educação somente aqueles que possuem mestrado e/ou doutorado na referida área.

forma bem marcada, formando um capítulo à parte que inicia o TCC e somente em alguns aparece de forma pontual, em breves parágrafos no capítulo de introdução a fim de contextualizar a pesquisa.

DESUENDANDO
INFORMA ES

O que revelam as Trajetórias

Além de revelar a multiplicidade de invenções da escrita de si, a leitura dos capítulos de Trajetória permitiu desvendar a existência de uma riqueza de informações sem tamanho. Apareceram novamente nas narrativas relatos de insatisfação com o curso, questionamentos diversos e uma forte preocupação com as relações sociais. Mas também, relatos sobre os motivos que levaram os alunos a desenvolver seus trabalhos na área da educação, da visão de ‘biólogo ideal’, de ciência como verdade absoluta e inquestionável, de educação pensada como escolar, entre outros.

Não pretendo aqui discutir ou analisar mais profundamente esses relatos, pois não é esta a pretensão da pesquisa. E, talvez, mesmo que eu desejasse fazê-lo, me faltaria tempo, tamanha a riqueza de informações. Vou apenas apresentar as narrativas, agrupando-as em ‘temas comuns’, a fim de facilitar a leitura e a compreensão; nos casos em que os trechos trazem relatos envolvendo mais de um ‘tema comum’ – porque, se separados, perdem o sentido – sua transcrição foi feita em apenas um grupo, a fim de não tornar a leitura repetitiva.

Os temas de maior recorrência são os que dizem respeito à insatisfação com o curso, aos questionamentos e à preocupação com a questão social. Devido a estes fatores, muitos alunos acabaram por buscar a área da educação. É claro que isso não pode ser generalizado: há aqueles que se interessam por essa área por outros motivos e, para muitos, a história de confecção do TCC em educação mistura-se com a sua própria história acadêmica, ou seja, sempre tiveram contato com área e desenvolveram trabalhos relacionados a ela durante toda graduação.

Além disso, é importante ressaltar que fazer o TCC na área da educação não garante que os alunos encontrarão as respostas para suas dúvidas e seus anseios. Apesar de muitos terem se encontrado e escolhido esse caminho para atuação profissional, para muitos outros esta foi só mais uma experiência que não se configurou em projetos futuros.

Passo agora, a transcrever os relatos que mencionam insatisfação com o curso e questionamentos, os quais, por vezes, provocaram a vontade de abandono e desistência.

“(...) Me perguntava para quê e para quem eu estaria estudando? Tal pergunta me dividiu durante uma boa parte do Curso. (...) Às vezes, me passava pela cabeça o abandono do curso”. (T.3)

“(...) Começou a terceira fase e eu não podia nem ouvir falar sobre aula. Em cada uma delas que eu estava presente me perguntava – O que estou fazendo aqui? Não conseguia encontrar as respostas”. (T.5)

“(...) Depois de provar a delícia que é estar no campo ouvindo, percebendo, vivendo, trocando com as pessoas, não queria voltar à vida acadêmica. Foi um semestre de crise e questionamento com a Biologia. Voltei ao laboratório disposta a começar meu trabalho de conclusão de curso e me formar o mais rápido possível, pegar o canudo e viver a Biologia fora da sala de aula. (...) depois de viver sete meses uma realidade totalmente diferente, depois de trocar sentimentos, experiências, histórias, valores com crianças, pescadores, donas-de-casa, já não fazia mais nenhum sentido ficar dentro do laboratório e desenvolver trabalhos direcionados para um grupo de especialistas”. (T.6)

“(...) Me senti perdida em vários momentos durante a graduação. A Botânica que um dia me fez gostar de Biologia e cursar um semestre de Agronomia não era mais a resposta para minha procura. Vários semestres de monitoria em Zoologia, as coleções didáticas me animavam, mas conviver com animais mortos em vidros não é meu ideal de biólogo. Sonhei um projeto em que esperava fazer algo importante, pela Biologia ou pelo menos para o bem estar dos animais (...)”. (T.7)

“(...) Esse envolvimento veio num momento em que eu estava em crise no Curso de Ciências Biológicas. Algum tempo atrás havia trabalhado no Laboratório de Macroalgas, mas apesar de achar muito interessante tudo aquilo que estava aprendendo, tudo era muito branco, silencioso e extremamente limpo, sentia falta de pessoas com quem ter conversas não esterilizadas, então percebi que não poderia viver trabalhando num laboratório. Aquela rotina não era pra mim. Só de saber que no dia seguinte eu devia ir para o Laboratório já me sentia entediada. Assim que eu chegava, sempre atrasada (logo eu que normalmente estou adiantada!), ia mecanicamente até a bancada onde estava o material que eu devia analisar no microscópio. Aquelas algas haviam ficado várias horas de molho em soluções que induziam a liberação de esporos (...). Agora eu é que me sentia de molho em algum tipo de solução que me levava a um grande estado de sonolência”. (T. 8)

“(...) Essa experiência [projeto de extensão envolvendo educação ambiental] somada aos semestres de monitoria no Departamento de Botânica da UFSC (2000 a 2001) fizeram-me refletir profundamente sobre minhas aptidões e a minha formação em biologia”. (T.9)

“(...) Foi no ano de 2000 que pensei seriamente na possibilidade de abandonar o curso de Biologia. Estava desanimada, descontente... Passando por vários estágios para tentar descobrir a minha ‘vocação’. Então, foi nesse ano que comecei a cursar Administração de Empresas em outra faculdade, à noite, paralelamente à Biologia. Eram aulas em dobro, trabalhos em dobro, provas em dobro e tempo de vida fora da faculdade reduzido à quase zero. Agora, além de insatisfeita, estava cansada”. (T.10)

“(...) Que crise! Que desânimo! Passei alguns meses indo às aulas com muitas interrogações: estou no caminho certo? Não será melhor voltar para minha casa? Quem sabe mudar de curso?” (T.14)

“(...) Certa de que queria o bacharelado logo fui à busca de um laboratório de pesquisa. Contudo, (...) decepcionei-me com o que encontrei, a rotina metódica-mecânica-monótona me cansava, os materiais carcinogênicos me assustavam, o ambiente fechado e esterilizado me incomodava e, por esses e tantos outros motivos, descobri que jamais seria uma pesquisadora de laboratório. Fiquei um longo

período perdida, sem rumo e demorei a voltar a estagiar. (...) O curso já se encaminhava para o fim e cada vez mais perguntas e dúvidas surgiam: Será que escolhi o curso certo? Que caminho seguir? Quando vou me encontrar? E o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)? O que eu vou fazer depois que me formar?” (T.15)

Além destes, outro tema que apareceu com maior frequência foi a preocupação com o social: há um desejo explícito em manter ou estabelecer relações com as pessoas. Conforme as narrativas relatam, percebe-se que as maneiras de atender esse desejo são as mais variadas; nesta busca, os sujeitos descobrem através de diferentes atividades uma forma de satisfazer seus anseios.

“(...) fiquei ‘muito dividido’, por um lado aquele sentimento de defesa da natureza, o ambientalismo, a escolha pelo Curso e por outro a vivência social que eu havia tido. Não conseguia conciliar os dois. Assim, ao longo de minha passagem pelas disciplinas do Curso, percebia que (...) se propagava um discurso ambientalista no sentido da preservação ou conservação da natureza, principalmente formando opinião, reproduzindo-o aos demais setores da sociedade, ‘excluindo’ assim, de suas palavras o social. (...) foram raros os momentos oficiais no Curso onde se levou em conta uma discussão sócio-política, seja para discutir a própria ciência, sendo que quando acontecia, normalmente era em conversas e ‘eventos’ informais, seja aqueles promovidos pelo Centro Acadêmico ou nas Rodas de Bate Papo que aconteciam nas horas de folga entre outras iniciativas. Assim, o processo que passei por dentro do Curso, foi na procura de aliar estes meus anseios ao Conhecimento Biológico. Em meio a tantas informações e vivências, resolvi estudar um pouco sobre as disciplinas chamadas humanas, principalmente sobre a cultura, a educação e a política”. (T.3)

“(...) Sempre aprendi muito com as pessoas nos ambientes mais rústicos por onde passei, sejam as praias mais desertas, os campos do planalto catarinense e também a caatinga. Sempre achei muito interessante o conhecimento ‘empírico’. Gostava de ouvir as histórias sobre o vento, a chuva e o mar, contadas pelos pescadores, as histórias vividas e contadas pelos serranos e agora pelos sertanejos. (...) Resolvi buscar uma fusão do conhecimento acadêmico, que aprendo na Universidade, com o conhecimento empírico, que aprendo no campo em contato com as pessoas e suas culturas”. (T.5)

“(...) não consegui realizar meu trabalho sem me envolver com a comunidade. (...) Desde que retornei do meu estágio no nordeste e comecei a questionar se gostaria de continuar trabalhando em laboratório, participei de muitos congressos. Estas atividades foram muito importantes, pois me colocaram em contato com outros profissionais, me embasando e encorajando a trabalhar na área da educação. Bastante confusa, porém certa de algumas coisas, procurei as professoras Vera e Ana (...). Confusa, por não saber direito como e o que fazer e, de outro lado com a certeza de queria algo ligado à Educação, trabalhar com pessoas (...) e, ainda, queria um certo envolvimento afetivo com o trabalho. Não queria de jeito nenhum fazer só por fazer, para ganhar o título de bacharel, engavetar o trabalho e pronto. Não. Queria algo com que eu me envolvesse pessoalmente, de que estivesse gostando realmente, sentindo prazer. Era só isso que eu sabia”. (T.6)

“(...) Por um brevíssimo momento achei que tinha pego gosto pelo Laboratório, mas o que aconteceu foi que a possibilidade de desenvolver um trabalho que pudesse ser útil na questão ambiental e social com a utilização das algas como bioindicadores

de resíduos tóxicos (como metais pesados) me animava muito. No entanto, continuava arrumando mil coisas para fazer fora do Laboratório – levar documentos para a Direção do Centro do outro lado do campus, pesquisar orçamentos na Internet e pelo fone, comprar bala, pó de café, fazer cópias das chaves, enfim tudo que me permitisse sair dali e encontrar movimento. Foi então que resolvi assumir, realmente, que não queria aquele tipo de vida. (...) Quando saí do Laboratório, ainda receosa e confusa por minha percepção, dediquei-me totalmente ao Centro Acadêmico de Biologia (CABio) onde pude descobrir o quanto a Biologia é social e o quanto a educação é transformadora. Encontrei ali pessoas e idéias com as quais me identifiquei bastante. Talvez mais importante que as próprias atividades, o caminho até chegar a elas me ensinaram muito. Foi esse conjunto de pessoas, ideais, convivência e complicadíssima tentativa de trabalho coletivo que me fizeram apaixonar pela Biologia e pela Educação”. (T.8)

Lendo as narrativas que compõem os capítulos de Trajetória, diversas outras questões foram aparecendo, dentre elas os motivos que levaram os alunos a se aproximar da área e/ou desenvolver seus trabalhos com educação. Muitos foram movidos pelo desejo de estabelecer ou manter relações sociais, contudo, outros a buscaram por diferentes motivos; o despertar para a educação se deu de diversas maneiras: através de uma leitura ocasional sobre o assunto; motivado por palestras, congressos ou cursos na área; através de conversas com professores que trabalham com educação; por influência de uma disciplina pedagógica, entre outras.

“(...) passei noites e noites em claro, pensando em que área iria desenvolver meu TCC. Em participação na Semana da SBPC realizada na UFSC tive a oportunidade de ler nos Anais do evento sobre um tema que me chamou a atenção: ‘Educação Ambiental em Ecossistemas Costeiros’. A partir daí, acabei por descobrir que a Professora Vera Lícia desenvolvia trabalhos de Educação Ambiental junto ao NDI. Assim, fui procurá-la para obter maiores esclarecimentos sobre o assunto. (...) Resolvi aceitar a proposta de trabalhar Educação Ambiental junto às escolas municipais de Florianópolis. A partir de então iniciou-se o processo de desenvolvimento propriamente dito deste TCC (...)”. (T.1)

“Em 07 de fevereiro de 1996 eu e alguns colegas do Curso de Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina assistimos, durante o XXI Congresso Nacional de Zoologia, realizado na cidade de Porto Alegre (RS), uma comunicação muito interessante, intitulada: Os animais e o medo, proferida pelo Prof. Ângelo Machado, cujo enredo tratava das mais variadas maneiras sobre como encaramos os animais que nos cercam e como passamos nossas percepções sobre os mesmos adiante, principalmente às crianças. O palestrante, por várias vezes, conseguiu fazer-nos rir e pensar sobre suas palavras, as quais, inicialmente, ajudaram-me a formular novas idéias sobre a questão do ensino e, há algum tempo atrás, deram-me uma luz sobre a possibilidade da realização de um trabalho com o tema educação e ecologia. (...) Embora não tenha optado pela licenciatura durante o curso de graduação, sempre tive interesse quanto às questões educacionais (...). A partir destas experiências vivenciadas – escola, projeto, palestras – aproximei-me da questão do ensino, aí então surgiu a idéia deste trabalho, apoiado em dois tópicos de meu interesse: educação e ecologia”. (T.2)

“(...) Paralelo a esta ‘situação’ [de descontentamento e buscas], através das disciplinas de Metodologia e Instrumentação do Ensino de Biologia, (...) eu obtive uma identificação muito forte com a abordagem dos estudos culturais em educação.

Este referencial não só complementava a minha experiência e trajetória até então, como também poderia se tornar a 'ferramenta' que faltava conhecer para poder atuar como um acadêmico de biologia, agora sim, mesclando o Conhecimento Biológico adquirido ao longo do Curso, com a educação, política, cultura e sociedade. Obtive agora mais no final do curso, um encorajamento por muitos amigos e pessoas e pela própria orientação (...), o estalo final e a certeza de realizar a monografia (...)". (T.3)

"(...) Tudo que encontrei no CABio me faz apaixonada por trabalhar com as Ciências Biológicas: movimento, pessoas, risos, brigas, chuva, sol, emoção, vontade, amizade, política (no seu mais amplo significado), família, sonhos, discussão, confusão e mais um pouco de discussões e muita, muita construção. Foi assim, compreendendo que há muitas outras formas de ver a Biologia que me liguei à Educação. (...) Ao me remeter às atividades da disciplina de Instrumentação do Ensino de Biologia I, nas quais nos propusemos a analisar algum artefato cultural e verificar como a Biologia é narrada/representada (filmes, revistas, propagandas, programas de TV, jornais, material didático e paradidático, e onde mais houver referência a temas comumente associados à Biologia), pensei em analisar cartilhas que tratassem as questões relacionadas aos resíduos sólidos (...)". (T.8)

"(...) Assuntos tipicamente biológicos não eram os únicos que permeavam meus interesses. A política, a sociedade e a cultura foram debatidas em uma série de disciplinas pedagógicas do Curso e, desta forma, o campo da educação começou a ser cogitado por mim como uma área interessante para ser explorada. Principalmente através da disciplina de Instrumentação do Ensino de Biologia I, na qual pude rastrear e tatear algumas relações entre a educação, a biologia e a cultura, passei a ver de modo mais claro um caminho de pesquisa que eu ainda não havia pensado. Pela primeira vez, percebi que podia aliar meus interesses ecológicos com os sociais em um projeto de pesquisa". (T.13)

"(...) Paralelamente à minha aproximação de saúde ambiental, surgiu em mim outro interesse. Foi durante a disciplina de Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º graus (...), que passei a enxergar a licenciatura como uma possibilidade de futura ação. Antes de cursar a disciplina, achei que ela fosse como qualquer outra e que não iria fazer muita diferença para minha formação! Que engano! Os debates em aula, os seminários, os textos lidos e a própria professora me motivaram. A partir daí, passei a vislumbrar a profissão de professor de outra maneira. Uma maneira contrária àquele olhar, do qual eu compartilhava, através dos olhos da minha mãe, que lecionou por anos, e que revelavam enfado e desilusão com a política de educação brasileira. Esse novo ângulo passou a fazer o mais completo sentido! Passei a ver-me também como uma educadora! Aquela que tem em suas mãos e em seu trabalho a chance de mudança, e, ainda, a esperança de um mundo mais justo, socialmente falando, e de um ambiente agradável para todas as espécies. Já a Educação Ambiental apareceu logo depois. Sempre tema de debates entre os colegas do Curso, porém ela nunca havia despertado muito a minha atenção. Foi quando, em um desses encontros de Biólogos, deparei-me com um livro com capa incitante que tratava desse assunto. Então, acabei comprando-o, lendo-o, e, por isso, aproximando-me da Educação Ambiental". (T.14)

"(...) Constatando que o bacharelado não tinha sido a melhor escolha e diante de tantas incertezas aceitei cursar as disciplinas da licenciatura. Uma aceitação (confesso) decorrente muito mais da falta de opção e do desespero do que de uma curiosidade pela educação ou desejo de me tornar educadora. Mais uma vez minhas expectativas foram contrariadas, porém positivamente, pois foi com as disciplinas pedagógicas que voltei a me empolgar com a biologia: eu estava amando-as e há muito tempo não me interessava ou me dedicava tanto! Uma disciplina em especial

me chamou a atenção, mudou algo em mim e me fez enxergar a educação para além da sala de aula. (...) A disciplina Instrumentação do Ensino de Biologia I (...) tinha como objetivo ‘construir referenciais teórico-práticos que permitissem uma ação pedagógica crítica e articulada aos universos culturais e históricos em jogo nos tempos e espaços da atuação docente’. O foco principal da disciplina era a discussão sobre o caráter pedagógico da mídia, mas o que mais me interessava eram os estudos culturais em educação e meio ambiente que tivemos a oportunidade de conhecer ao longo daquele semestre. (...) Entrar em contato com esses estudos foi decisivo para a escolha do caminho a seguir. Foi inspirada por esse outro modo de vislumbrar a educação – ampliada para os espaços midiáticos – que, inicialmente, pensei em analisar no meu TCC de que forma os professores de biologia lidavam em suas aulas com artefatos culturais”. (T.15)

Alguns outros relatos – não tão recorrentes – também chamaram atenção. Dentre eles estão relatos da visão de ‘biólogo ideal’; de ciência como verdade absoluta e inquestionável; de educação pensada como escolar e de questionamento do papel de biólogo/a. Vamos a eles:

“(...) Vejo o biólogo ideal como aquele que acampa semanas no mato, observa, captura, fotografa, mede, coleta dados, auxilia os moradores, a comunidade, que tem convívio próximo à natureza. O biólogo tem que ser um pouco bicho também: sentir, farejar, deixar rastros, usar todos seus sentidos, a intuição”. (T.7)

“(...) Quando criança achava lindo aqueles jalecos bem brancos e acreditava que se algo fosse verdade, se houvesse respostas para o mundo, aqueles cientistas com seus jalecos me diriam e eu respeitosa e nem pensaria em questionar. Daí o porque de prestar vestibular para o curso que estou, com o objetivo de trabalhar com genética. Queria meu jaleco branco e com ele descobrir as certezas para os mistérios do mundo e, é claro, ser respeitosa e inquestionável. Hoje tenho três jalecos não tão brancos pendurados no guarda-roupa, e uma vontade de trabalhar com genética que também amarelou no cabide. Descobri muitos mistérios que certamente vou questionar de forma respeitosa”. (T.8)

“(...) Parece que a escola, com o passar dos anos, foi ficando cada vez mais chata, assumindo um caráter de obrigação. Era como uma coisa à parte, fora do meu mundo real. O que eu via na rua, na TV, na revista, eu não via na escola. Ao passar o portão, eu deveria me desligar de tudo e dar atenção aos assuntos escolares. (...) na infância, a escola me mostrou o mundo! Foi lá que fiz amizades, aprendi a ler e a escrever, a me expressar de diversas maneiras. O ambiente escolar me proporcionou um universo de experiências e de descobertas que nunca antes havia tido! Depois, as coisas mudaram. A minha ‘porta para o mundo’ foi se transformando, aos poucos, em um lugar quieto, frio, sem cor. A criatividade, a espontaneidade e as descobertas davam lugar à rotina, à obrigação, à competitividade. O mundo vivido por mim, no cotidiano, foi ficando cada vez mais longe do mundo escolar, até que foram completamente separados. Já não bastasse tudo isso, chegar na sala de aula e ver os professores cansados, desmotivados e reclamando do salário esmagava qualquer vontadezinha que algum aluno poderia ter de seguir a mesma profissão. E já não era tão fascinante ver uma pessoa, lá na frente do quadro, repetindo tudo o que estava escrito nos livros. Isso até eu, ainda naquela época, já podia fazer. Que grande coisa ser professora...”. (T.10)

“(...) ficava chocada com a situação das ilhas [Moleques do Sul], que apesar de fazerem parte do Parque Estadual do Tabuleiro, eram constantemente visitadas por pescadores que retiravam diversas espécies de organismos de suas encostas. Esses fatos geravam turbilhões de perguntas na minha cabeça: será que estava exercendo

o papel de bióloga que gostaria? Será que minha pesquisa poderia operar alguma mudança na situação daquelas ilhas? (...) era como se eu estivesse no curso errado. Eu parecia estar me distanciando cada vez mais da bióloga que queria ser. Separava-me cada vez mais da pessoa que pensava em conhecer a vida para melhor ajudá-la. Reacendiam em mim, então, aqueles ares sonhadores de quem queria de alguma maneira 'salvar o mundo'". (T12)

A minha idéia ao construir este capítulo com os relatos presentes nas narrativas é mostrar o quão interessante pode ser trabalhar com escritas autobiográficas como objeto de pesquisa. Trabalhos nesta perspectiva podem ajudar a recuperar memórias de diferentes épocas e contextos, possibilitando esclarecer como são formadas identidades individuais e coletivas.

Despretensiosamente e, quase sem querer, colhemos informações das mais diversas ordens; neste caso, informações preciosas sobre o curso de Ciências Biológicas, as quais podem ajudar a aperfeiçoá-lo, de acordo com as necessidades e anseios dos alunos. Ficou muito claro, através da leitura das narrativas, que o curso deixou a desejar quando se trata da questão social.

Nosso currículo¹ é recheado de disciplinas nas quais estudamos morfologia, anatomia, fisiologia e sistemática, entretanto, quantas disciplinas são oferecidas para discutir relações sociais? Que espaços dispomos dentro do curso para discutir política, que não os informais e extra-oficiais? Como se a biologia e a produção do conhecimento científico pudessem ser separados do contexto político-econômico-social a que estamos inseridos...

Recentemente houve uma reforma curricular² e a partir do primeiro semestre de 2006 o Curso de Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina adotou seu novo currículo. A reforma ocorreu em virtude de uma determinação legal e levou em consideração a opinião de professores do curso, outros professores dos departamentos ligados ao curso, egressos e acadêmicos. O novo currículo visa, entre outros pontos, formar profissionais cada vez mais habilitados para enfrentar o mercado de trabalho e incorporar a inovadora perspectiva da formação do biólogo como educador (mesmo na modalidade bacharelado).

Utilizar as narrativas autobiográficas presentes nas Trajetórias pode ser uma nova ferramenta para coletar dados sobre a opinião dos alunos e descobrir possíveis lacunas na formação do graduando, em uma próxima reforma curricular que possa porventura acontecer.

¹ Refere-se ao currículo em extinção, vigente de 1993.2 a 2006.1

² Para maiores informações acesse: <www.cienciasbiologicas.ufsc.br/reforma>.

Finalizo com uma breve e importante consideração: não há como negar a minha influência naquilo que está aqui exposto. Carter (1993 *apud* Galvão, 2005) “alerta-nos para os perigos de não considerarmos a interpretação, os valores e a própria história do investigador, como se fosse possível apresentar relatos despojados da subjetividade, dos modelos interpretativos e das teorias que compõem todo o propósito de uma investigação”.

Apesar de as falas terem sido fielmente transcritas, fui eu que as transcrevi, recortei e coleí. Eu selecionei os trechos que julguei importantes e os interpretei de acordo com meus valores e propósitos. Não há como negar que deixei, também, as minhas marcas.

ABRINDO UMA
CAIXINHA DE
MEMÓRIAS

Quando tudo começou...

A partir do levantamento realizado, com o objetivo de identificar os trabalhos produzidos na área de educação, no Centro de Ciências Biológicas da UFSC, pude traçar um breve histórico que mostra em que momento iniciou a produção de trabalhos em educação pelo CCB, e como esse campo de pesquisa vem crescendo ao longo dos anos no curso de Ciências Biológicas.

Para a elaboração desse histórico utilizei a listagem dos trabalhos identificados e contei com a ajuda da Professora Vera Lícia Vaz de Arruda, professora aposentada pelo Departamento de Ecologia e Zoologia (ECZ) da UFSC, docente que acompanhou o início do desenvolvimento de trabalhos de educação no CCB. Através de preciosas e informativas conversas, descobri quando e com quem esta história começou.

O primeiro trabalho produzido na área de educação, pelo Centro de Ciências Biológicas, parece ter sido¹ orientado pelo Professor João de Deus Medeiros, no ano de 1996 e intitulava-se: “Análise da inserção da educação ambiental nos sistemas de educação formal e informal” (Autora: Fernanda Delatorre).

Somente dois anos depois, em 1998, foram orientados dois outros trabalhos relacionados à educação. Tais trabalhos intitulavam-se: “Espaço-Saúde: tecendo possibilidades de educação em saúde” (Autora: Alcionete Pschisky) e “Como anda o ensino de Ciências? Análise de alguns conhecimentos de ecologia incorporados ao longo do ensino fundamental em escolas do município de Florianópolis - SC” (Autor: Cristiano Martins de Souza). Ambos os trabalhos citados foram orientados pela Professora Ana Maria Hoepers Preve

Já a partir de 1998 até 2008 foram produzidos, em todos os anos, pelo menos um trabalho relacionado à educação no CCB, como pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1. Número de trabalhos relacionados à educação, produzidos no Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina, de 1998 a 2008.

<i>Ano</i>	<i>Número de Trabalhos Produzidos</i>
1998	2
1999	4

¹ Utilizo a expressão “parece ter sido”, pois não posso afirmar, categoricamente, que este foi o primeiro trabalho em educação escrito no CCB. Pode ser que, devido à precariedade do cadastro existente, algum trabalho mais antigo que este tenha ficado de fora.

Tabela 1. Continuação.

Ano	Número de Trabalhos Produzidos
2000	4
2001	1
2002	3
2003	4
2004	6
2005	1
2006	2
2007	5
2008	6
TOTAL	38

Em 1999 constam quatro trabalhos: “Conhecimentos e opiniões sobre genética humana numa amostra de estudantes de Ciências Biológicas da UFSC” (Autor: Edson Adriano de Souza) – orientado pela Professora Vivian Leyser da Rosa; “Entendimento de educação ambiental por professores de 1a a 4a séries nas escolas municipais da Ilha de Santa Catarina” (Autora: Shirlaine Martins) – orientado pela Professora Vera Lícia Vaz de Arruda; “O resgate da técnica do flanelógrafo na educação infantil em áreas próximas ao manguezal do Itacorubi, Florianópolis, SC” (Autor: Alexsander Botelho Francisco) – orientado pela Professora Clarice Maria Neves Panitz e “Educação Sexual com alunos da Escola Pública: uma experiência fora da sala de aula” (Autora: Maria Suely de Souza Barros) – orientado pela Professora Ana Maria Hoepers Preve.

No ano de 2000 foram orientados, novamente, quatro trabalhos – dois pela Professora Vivian Leyser da Rosa: “Reativação de um laboratório de atividades práticas em uma escola da rede pública estadual” (Autora: Ana Paula Netto Carneiro) e “Concepções sobre genética, reprodução e cotidiano entre alunos do ensino médio” (Autora: Jonice Ferreira de Macedo); um pela Professora Paula Cals Brügger Neves: “O uso de animais vertebrados como recurso didático na UFSC: panorama, alternativas e a educação ética” (Autor: Thales de Astrogildo e Tréz) e outro por Martha Tresinari Bernardes, intitulado “Percepção de Meio Ambiente de

crianças do entorno da Estação Ecológica de Carijós: comunidades de Santo Antônio de Lisboa, Sambaqui e Barra de Sambaqui” (Autora: Débora Rosana Marques Lehmann).

Em 2001 apenas um trabalho foi produzido, orientado pelo Professor Leandro Belinaso Guimarães. O trabalho intitulava-se “Agroecologia e escola em movimento: significações em debate” (Autor: Rafael Illenseer).

Já em 2002 o número de trabalhos subiu para três, todos orientados pelo Professor Leandro. São eles: “Vozes do Sertão: recados sobre conhecimento ambiental, esperança e vivacidade no semi-árido brasileiro” (Autor: Ricardo Nichele Serafim); “Discutindo a construção de ações educativas a partir de problemas sócio-ambientais na comunidade da Serrinha, no bairro Trindade, Florianópolis/SC” (Autora: Vanilda Nadir da Silva Solecki) e “Vidas e trilhas na Lagoa do Peri” (Autora: Janice Zanco).

No ano de 2003 foram elaborados, mais uma vez, quatro trabalhos relacionados à educação: “Transgênicos e seus significados: avaliando o discurso dos futuros profissionais em biologia” (Autor: Marcelo Valério) – orientado pela Professora Vivian Leyser da Rosa; “Enquanto o girassol cresce e o sol gira, se constrói uma proposta de educação ambiental para a educação infantil” (Autora: Amanda Kormann Hauffe) – orientado pela Professora Vera Lícia Vaz de Arruda; “Leituras das representações das relações entre humanos e animais em 3 filmes hollywoodianos” (Autora: Mariana Brasil Ramos) – orientado pela Professora Paula Cals Brügger Neves e “A construção do lixo nas cartilhas de educação ambiental” (Autora: Mariana Stefanelli Mascarenhas) – orientado pelo Professor Leandro Belinaso Guimarães.

O ano seguinte (2004) foi um dos anos de maior produção de trabalhos em educação: seis TCC’s foram escritos. A Professora Vera Lícia Vaz de Arruda orientou o trabalho intitulado “Trabalhando valores de educação ambiental no ensino fundamental: o caso da 2ª série do Centro Educacional de Ibiraquera, Garopaba – SC” (Autora: Juliana de Souza Neves). A Professora Suzani Cassiani orientou os três seguintes trabalhos: “O parque estadual da Serra do Tabuleiro como tema gerador de uma proposta de ensino de ciências” (Autora: Marcia Strapazzon), “Conhecendo algumas concepções dos estudantes de Ciências Biológicas sobre o perfil do Biólogo-Educador” (Autor: Marco Aurelio Machado) e “Investigações sobre o ensino de ciências da escola hospitalar: o caso da Klinik Schuleludwigsburg, Alemanha” (Autora: Jeniffer Nack Fisher). E as Professoras Clarice Maria Neves Panitz e Adriana Mohr orientaram, respectivamente: “Proposta para um Programa de Educação Ambiental para o Parque do manguezal do Itacorubi, Florianópolis, SC” (Autora: Bianca Cantarin Gonzales) e

“O ensino de ciências e a educação ambiental: uma análise a partir do livro didático” (Autora: Caroline Zabendzala Linheira).

Em 2005 o número de trabalhos caiu drasticamente: somente um TCC em educação foi elaborado neste ano, orientado pela Professora Adriana Mohr. O título do trabalho era “Classe hospitalar e ensino de ciências: identificação da literatura e análise da temática em artigos de periódicos e resumos de congressos” (Autora: Debora dos Santos).

No ano de 2006 foram identificados apenas dois trabalhos: “Investigando a construção do discurso do professor em aulas de biologia” (Autora: Narjara Zimmermann) e “Perfil do Professor de Ciências e Biologia: uma análise das expectativas da escola” (Fernando Bressan Zanette). O primeiro foi orientado pela Professora Suzani Cassiani e o segundo, pela Professora Adriana Mohr.

Em 2007 cinco TCC's foram encontrados. “Metodologias de educação ambiental: a água como tema gerador” (Autora: Gabriela de Leon Nóbrega Reses), orientado pela Professora Vera Lícia Vaz de Arruda. “Estudo etnoentomológico na comunidade do Ribeirão da Ilha, Ilha de Santa Catarina, SC” (Autora: Mônica Antunes Ulysséa) e “Etnobotânica do Pântano do Sul com ênfase em espécies de restinga” (Autora: Sara Melo), orientados pela Professora Natalia Hanazaki². “As aves na escola: análise de livros didáticos do ensino fundamental” (Autor: Cid Rodrigo Rodriguez Espinola), orientado pela Professora Adriana Mohr. E, por fim, “A elaboração de uma cartilha educativa para a restauração de áreas degradadas” (Autora: Cristina Silva Sant'Anna), orientado pelo Professor Ademir Reis.

O último ano pesquisado (2008) foi também um dos anos de maior produção de trabalhos em educação. Como em 2004, seis TCC's foram identificados. A Professora Vivian Leyser da Rosa orientou o trabalho “O conceito de natureza entre alunos do Curso de Ciências Biológicas da UFSC” (Autor: Rodrigo José Antonio Beltrami); a Professora Paula Cals Brügger Neves orientou o trabalho “Análise da produção e linguagem científica e o papel da mídia” (Autora: Anajara Laisa Amarante) e o Professor Leandro Belinaso Guimarães orientou os quatro outros trabalhos: “A sexualidade em cartilhas educativas oficiais: uma análise cultural” (Autor: Tiago Vianna.), “Meio Ambiente e Fotografia: pedagogias em um parque urbano” (Autora: Juliana Evelyn dos Santos), “Aquecimento global: pedagogias em notícias” (Autor: Silvestre Manoel Ferreira Neto) e “Vidas em torno de um rio: narrativas sobre desertos e saberes” (Autora: Priscila Fernanda Rech).

² Ambos os trabalhos foram classificados como “relacionados à educação” pela orientadora.

Através deste levantamento foi possível perceber que a história de produção de trabalhos em educação pelo Centro de Ciências Biológicas é bastante recente, ao contrário do que eu imaginava. Felizmente, esta iniciativa mostrou-se bem aceita e o número de trabalhos desenvolvidos nesta área do conhecimento vem aumentando nos últimos anos³ e se destacando dentro do curso.

Por fim, um aspecto interessante de ressaltar, e que me chamou bastante atenção, diz respeito à diversidade de professores que orientam tais trabalhos. O fato de existir docentes com formação e área de atuação distintas entre si, orientando trabalhos em educação, resultou na elaboração de TCC's com enfoques bastante diferentes o que, conseqüentemente, refletiu-se na multiplicidade de escritas e estruturas encontradas nos trabalhos aqui apresentados.

³ Exceto nos anos 2005 e 2006. Neste período o Professor Leandro Belinaso Guimarães estava afastado da UFSC, o que pode explicar ao menos em parte este decréscimo.

REESCREVENDO
A TRAJETÓRIA
DA BIOLOGIA EM
MINHA VIDA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver este trabalho foi um grande desafio. Com esta pesquisa descobri como é lidar com o inesperado, com as dificuldades e com o surpreendente. Eu, que sempre precisei manter os pés no chão para me sentir segura, de repente me vi diante do imprevisto. Eu, que sempre procurei me planejar para antecipar os passos e me preparar para o que pudesse vir a acontecer, me vi diante do impensado. Vivi os extremos: de uma hora para a outra ter quase nada com o que trabalhar e instantes depois ter uma imensidão de informações e questionamentos a sistematizar.

Foi difícil e angustiante em muitos momentos não saber o que estava por vir, não saber que decisão tomar, mas foi também um enorme e gratificante aprendizado saber que do inesperado podem surgir coisas surpreendentemente belas e férteis. Ao desenvolver uma pesquisa que se construiu no calor dos momentos pude aprender a lidar com o que foi planejado e não deu certo, a transformar vazios em espaços com potencial de desenvolvimento, a buscar soluções criativas e, principalmente, aprender que o processo de pesquisa é um constante construir, desconstruir e reconstruir – sempre em busca do aperfeiçoamento.

Acredito que além de deixar para mim um crescimento pessoal, este trabalho deixa para o curso de Ciências Biológicas uma contribuição ao mostrar um panorama dos trabalhos desenvolvidos na área da educação e desvendar um tipo de escrita tão particular e rica como é a escrita de si.

E, como não poderia deixar de ser, finalizo esta pesquisa com a re-escrita da minha própria Trajetória. Escrevendo este trabalho percebi que, depois de todas as considerações tecidas sobre a escrita de si, eu não poderia mais manter aquela Trajetória elaborada para o projeto de pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Uma trajetória naturalizada como verdadeira, mas repleta de invenções...



“Precisar o exato momento em que a biologia entrou na minha vida é muito difícil, sobretudo porque olho para o passado com olhos tendenciosos de uma quase bióloga. Olhos que procuram em qualquer contato com a natureza, a justificativa para legitimar a escolha

pelo curso. Olhos que direcionam a minha visão para determinados momentos do passado e, insistentemente, me fazem dizer que a biologia já estava lá, desde que me conheço por gente – mesmo não sendo verdade.

Talvez a única afirmação precisa com relação a isto seja a de afirmar o momento em que me decidi a prestar o vestibular para cursar Ciências Biológicas na UFSC, já que antes disso todas as minhas experiências ligadas ao mundo biológico eram apenas boas e prazerosas experiências – sem qualquer intencionalidade futura.

Desde pequenos meu pai nos ensinou, a mim e a meus irmãos, o amor e o respeito por toda forma de vida. Ensinou-nos a enxergar a beleza de cada flor se abrindo na primavera, a admirar os animais e a cuidar da natureza. Todo ano esperávamos ansiosamente pelas férias no sítio... Que delícia dar milho pras galinhas, tirar leite da vaca, correr atrás dos porquinhos, pintinhos e coelhos, correr dos ‘bois brabos’ e dos gansos, subir nas árvores pra comer todo tipo de fruta, plantar uma árvore, colher as verduras da horta, botar a mão na terra, tomar banho de rio, pescar, cair nas valas, se sujar de barro, enfiar espinho de pinheiro no pé, estourar a pinha e fazer a sapecada do pinhão ali no chão, admirar o colorido das aves e acordar com seu canto, escutar o cri-cri dos grilos, o coaxar dos sapos, sentir o cheiro de terra molhada depois da chuva, o gosto da comida feita no fogão à lenha, fazer uma trilha e encontrar ninhos de pássaros (com ovinhos ou não), descobrir tocas de tatu ou, de repente, se deparar com filhotinhos de gambá no oco de um tronco.

São tantas as lembranças relacionadas à natureza, e elas não se remetem apenas à minha infância. Cresci em uma casa com um lindo quintal, cheio de árvores, frutas, flores, com uma horta gostosa e no meio de muitos bichos: aracuãs, beija-flores, bem-te-vis, cambacicas, canarinhos, coleirinha, joão-de-barro, tucanos, saíras, aranhas, borboletas, cães, caracóis, cobras, fede-fede, formigas, galinhas, joaninhas, lesmas, morcegos, pererecas, porquinho-da-índia, sagüis e tantos outros animais. Ainda moro no mesmo lugar e tenho o privilégio de, todos os dias, exercitar meus olhos curiosos e me admirar com tantos cheiros, sons, cores e formas.

Como não pensar que esses tantos bons momentos foram decisivos para a escolha do curso? Como não utilizá-los como justificativa para tal? É tão coerente e bonito, não? Sim, é coerente e bonito, porém não é verdadeiro. Esperávamos ansiosamente pelas férias no sítio simplesmente porque aquilo era muito legal e diferente de tudo o que fazíamos durante o ano todo! Naquele tempo eu nem sabia que existia a profissão ‘Biólogo’ e também não gastava meu tempo pensando no que queria ser quando crescesse.

Portanto, não posso afirmar que aqueles momentos foram decisivos ao escolher cursar biologia, tampouco posso utilizá-los como justificativa para tal. Posso no máximo, e ainda incorrendo na possibilidade de estar mentindo, dizer que a lembrança de bons momentos associada à natureza pode ter influenciado (juntamente com outros fatores) nesta escolha.

Na escola, minha matéria favorita no ensino fundamental era ciências, ela me fascinava e, ao mesmo tempo em que respondia minhas dúvidas e curiosidades, me instigava a querer saber mais. Terá sido isto o que me levou a escolher a biologia como carreira profissional? Bem, o raciocínio utilizado para responder esta pergunta é semelhante ao anterior: nessa época eu continuava desconhecendo a profissão e para mim a professora de ciências era apenas uma professora e não uma bióloga. Eu gostava da matéria porque, de alguma forma, ela se relacionava àquelas coisas tão legais que eu via durante as férias no sítio e no quintal de casa: as plantas, os animais, a natureza. Sendo assim, também não posso afirmar que foi este fator que me trouxe até a UFSC para cursar Ciências Biológicas.

O mesmo apreço que eu tive pelas ciências do ensino fundamental eu continuei tendo pela biologia do ensino médio. E é nesse exato momento que entra em cena o meu professor de biologia no antigo segundo grau, um ainda estudante de graduação e completo apaixonado pelo curso. Sua paixão se refletia no entusiasmo com que ministrava as aulas, no sorriso sempre estampado no rosto ao falar das células, das plantas e dos animais; nos seus olhos brilhantes e fascinados com a meiose, a fotossíntese, os inúmeros ciclos bioquímicos e demais conteúdos.

Foi neste momento da minha vida que eu tomei conhecimento da profissão e com vestibular se aproximando, a idéia de seguir esta carreira começou a se tornar uma possibilidade. Pensei também em fazer jornalismo, pois eu gostava muito de ler e escrever. Português também era uma das minhas matérias favoritas e se eu tivesse escolhido Jornalismo ao invés de Ciências Biológicas, muito provavelmente você estaria lendo outras memórias de minha infância... Memórias de experiências vividas, que pudessem justificar a escolha por aquele curso.

Enfim, foi assim, através do meu visível interesse pela matéria e do seu amor pela biologia, que aquele professor virou muito mais que um professor: tornou-se um amigo, uma espécie de tutor. Ele me emprestava livros, me contava mais sobre a faculdade, me cobrava mais que aos outros alunos e me ensinava muitas coisas além daquilo que víamos em sala de aula. Posso dizer que ele me fez gostar ainda mais da biologia, mas mais que isso, ele me fez

enxergar que não havia espaço para outra coisa na minha vida: era para Ciências Biológicas que eu iria prestar o vestibular.

Minha mãe sempre diz que eu escolhi fazer biologia por causa dele e pode ser mesmo que ele tenha sido o grande influenciador nesta tomada de decisão. Somado aos estímulos que ele me dava, havia as lembranças de uma infância recheada por bons momentos junto à natureza. Estar em contato constante com o meio ambiente e ajudar a preservar aquilo que eu tanto gostava passou a ser o que eu mais desejava.

Neste momento eu tinha a convicção de que seria bacharel e trabalharia com pesquisas em ecologia. Jamais me passava pela cabeça optar pela licenciatura e trilhar os caminhos da educação. Prestei o vestibular por anos seguidos e somente na terceira tentativa consegui passar: quanto alívio e expectativa... um mundo novo se abria pra mim.

Certa de que queria o bacharelado logo fui à busca de um laboratório de pesquisa. Porém, dentre as primeiras disciplinas cursadas estavam biologia celular e citogenética e passei a ter bastante interesse nesta área, deixando a ecologia um pouco de lado. Fui ao encontro de um laboratório que trabalhasse com alguma destas opções, contudo, minhas experiências nesse sentido contrariaram todas as expectativas e abalaram minha convicção: decepcionei-me com o que encontrei, a rotina metódica-mecânica-monótona me cansava, os materiais carcinogênicos me assustavam, o ambiente fechado e esterilizado me incomodava e, por esses e tantos outros motivos, descobri que jamais seria uma pesquisadora de laboratório.

Fiquei um longo período perdida, sem rumo e demorei a voltar a estagiar. Trabalhei por uns poucos meses com educação ambiental através de atividades de compostagem, plantio e horta escolar em uma creche municipal de Florianópolis até iniciar um estágio com consultoria ambiental. Apostei muito neste caminho acreditando que nele iria me encontrar e me realizar profissionalmente, mas novamente me decepcionei. A concepção de conservação e recuperação ambiental entendida sob o ângulo empresarial está muito longe de ser aquela em que eu acredito e difere bastante do que eu realmente gostaria de fazer neste sentido.

O curso já se encaminhava para o fim e cada vez mais perguntas e dúvidas surgiam: Será que escolhi o curso certo? Que caminho seguir? Quando vou me encontrar? E o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)? O que eu vou fazer depois que me formar?

Constatando que o bacharelado não tinha sido a melhor escolha e diante de tantas incertezas aceitei cursar as disciplinas da licenciatura. Uma aceitação (confesso) decorrente

muito mais da falta de opção e do desespero do que de uma curiosidade pela educação ou desejo de me tornar educadora. Mais uma vez minhas expectativas foram contrariadas, porém positivamente, pois foi com as disciplinas pedagógicas que voltei a me empolgar com a biologia: eu estava amando-as e há muito tempo não me interessava ou me dedicava tanto!

Uma disciplina em especial me chamou a atenção, mudou algo em mim e me fez enxergar a educação para além da sala de aula. É nesse momento de (re)descoberta e (re)encantamento que entra em cena meu professor de graduação e atual orientador.

A disciplina Instrumentação do Ensino de Biologia I por ele lecionada tinha como objetivo “construir referenciais teórico-práticos que permitissem uma ação pedagógica crítica e articulada aos universos culturais e históricos em jogo nos tempos e espaços da atuação docente”. O foco principal da disciplina era a discussão sobre o caráter pedagógico da mídia, mas o que mais me interessava eram os estudos culturais em educação e meio ambiente que tivemos a oportunidade de conhecer ao longo daquele semestre.

Segundo Wortmann (2002), as análises culturais vêm se destacando e ganhando importância porque tratam de aspectos e relações que normalmente não são abordados nas análises tradicionais feitas pelas várias áreas do conhecimento. As análises culturais lidam com práticas e produtos da cultura, procurando examinar o seu envolvimento com as relações de poder existentes: são estudos que “têm em comum a intenção de marcar a multiplicidade de discursos que se articulam na produção cultural [...], bem como das práticas que os configuram e os modos que se instituem para com eles lidar” (WORTMANN, 2002, p.89).

Entrar em contato com esses estudos foi decisivo para a escolha do caminho a seguir. Foi inspirada por esse outro modo de vislumbrar a educação – ampliada para os espaços midiáticos – que, inicialmente, pensei em analisar no meu TCC de que forma os professores de biologia lidavam em suas aulas com artefatos culturais.

Para isso, cogitei trabalhar com os planos de aulas construídos durante a disciplina anteriormente mencionada - os quais foram elaborados a partir da análise de filmes, reportagem jornalística ou publicidade. Entretanto, naquele momento o TCC ainda estava um pouco distante e, entre o período em que terminei a disciplina e o momento em que procurei pela orientação, passou-se um certo tempo. Essa idéia foi ficando meio esparsa e não se configurou como meu desejo de pesquisa, pois minha pretensão maior era trabalhar com algo mais diretamente ligado ao meio ambiente”.



O final desta Trajetória o(a) leitor(a) já conhece: meu desejo de trabalhar com algo ligado ao meio ambiente, associado aos estudos culturais configurou-se nesta pesquisa. Espero que a leitura tenha sido agradável e obrigada por ter me acompanhado até aqui!

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR., D. M. Da terceira margem eu sou(u)rrio: sobre história e invenção. In: ALBUQUERQUE JR., D. M. História: a arte de inventar o passado. Bauru/SP: Edusc, 2007, p.19-39.
- CREUS, A. Olho, máquina e coração: um estudo sobre as imagens fotográficas e sua relação com a memória e a afetividade. Biblioteca on-line de ciências da comunicação. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/creus-amalia-olho-maquina.pdf> >. Acesso em: 11 fevereiro 2009.
- DELEUZE, G. ¿Que és un dispositivo? In: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990. pp. 155-161.
- FRANÇA, A. Ser imagem para outro. In: MÉDOLA, A. S. L. D.; ARAÚJO, D. C.; BRUNO, F. (Orgs.). *Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Porto Alegre: Sulina, 2007. p.47-61.
- GALVÃO, C. Narrativas em educação. *Ciência & Educação*. v.11, n.2, p.327-345, 2005. Disponível em: <<http://www2.fc.unesp.br/cienciaeeducacao/viewarticle.php?id=98&layout=abstract>>. Acesso em: 12 março 2009.
- JAGUARIBE, B. Realismo sujo e experiência autobiográfica: Vidas reais e Autoria. In: JAGUARIBE, B. *O choque do real: estética, mídia e cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. p.152-180.
- KENSKI, V. M. Memória e prática docente. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). *As faces da memória*. São Paulo: CMU, s/d. p.101-114.
- LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: Autores Associados, 2002. n.19, p.20-28.
- MOTA, A. De fio em fio, tecendo as redes de memória. In: MOTA, A.; PACHECO, D. C. (Orgs.) *Escolas em Imagens*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.53-67.
- MOTA, A.; PACHECO, D. C. Fotografias, memórias e autobiografias. In: MOTA, A.; PACHECO, D. C. (Orgs.) *Escolas em Imagens*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.7-12.
- PACHECO, D.C. Nas redes da memória as lembranças se corporificam em histórias da escola. In: MOTA, A.; PACHECO, D. C. (Orgs.) *Escolas em Imagens*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.69-86.

RIBES, R. Economia de retratos. In: MOTA, A.; PACHECO, D. C. (Orgs.) *Escolas em Imagens*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.41-51.

SANTOS, L. H. A Biologia tem uma história que não é natural. In: COSTA, M. V. (Org.). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: UFRGS, 2000. p.229-256.

VASCONCELOS, G. A. N. Entre gavetas e prateleiras: percursos da memória. In: MOTA, A; PACHECO, D. C. (Orgs.). *Escolas em Imagens*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.107-118.

VILLANUEVA, D. Realidad y ficción: la paradoja de la autobiografía. In:ROMERA, J.; YLLERA, M. G. *Escritura autobiográfica*. Madrid: Visor Libros, 1992. p.15-31.

WORTMANN, M. L. C. Análises Culturais: um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, M. V. (Org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 73-92.

APÊNDICE I – Convite

Prezado (a)

Sou aluna do curso de graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina, orientanda do Prof. Dr. Leandro B. Guimarães e gostaria de convidá-lo (a) a participar de minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A partir de um levantamento dos TCC's produzidos no Centro de Ciências Biológicas (CCB) nos anos de 1998 a 2008, dentro da temática “Educação e Meio Ambiente”, selecionamos dez (10) trabalhos e seus respectivos autores para participar da minha pesquisa. Você é um deles!

Sua contribuição seria a de relembrar o tempo de confecção da sua pesquisa e escrever sobre ele, pois a minha pesquisa trabalhará com esses textos, esses escritos de memória produzidos por vocês.

Caso você tenha interesse em participar, solicito que me envie seu endereço residencial para que eu possa enviar por correio um formulário contendo maiores explicações sobre a pesquisa e as orientações necessárias para a confecção do referido texto.

Desde já agradeço sua atenção e colaboração!

Manoela Sezerino

Para finalizar, pedimos o envio, juntamente com esse “documento”, de uma imagem que você considere representativa daquele momento de construção do seu TCC.

Muito obrigado pela sua participação e disposição em contribuir!

Manoela e Leandro.

Primavera de 2008.

APÊNDICE III – Lista dos Orientadores Identificados

1. Martha Tresinari Bernardes Wallauer

Núcleo de Educação Ambiental – NEA do IBAMA/SC.

2. Professor Ademir Reis

Professor do Departamento de Botânica (BOT) da UFSC. Possui graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (1977), graduação em Licenciatura em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo (1976), mestrado em Botânica pela Universidade Federal do Paraná (1983) e doutorado em Biologia Vegetal pela Universidade Estadual de Campinas (1995).

3. Professora Adriana Mohr

Professora do Departamento de Metodologia de Ensino (MEN) da UFSC. Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988), mestre em Educação pelo IESAE/FGV (1994) e doutora em Educação: ensino de ciências naturais pela Universidade Federal de Santa Catarina (2002) com doutorado-sanduíche na Université de Rouen e no Institut National de Recherche Pédagogique, França (1997-1998).

4. Professora Ana Maria Hoepers Preve

Professora substituta no período de 1992 a 2000 do Departamento de Metodologia de Ensino (MEN) da UFSC. Possui graduação em Biologia (1992) e mestrado em Educação (1997) pela Universidade Federal de Santa Catarina.

5. Professora Clarice Maria Neves Panitz

Professora do Departamento de Ecologia e Zoologia (ECZ) da UFSC no período de 1978 a 2003. Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1974), graduação em História Natural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1974), especialização em Ecologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1975), mestrado em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos (1980), doutorado em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos (1986) e pós-doutorado pela Université Bordeaux I (1994).

6. Professor João de Deus Medeiros

Professor do Departamento de Botânica (BOT) da UFSC. Graduado pela Universidade Federal de Santa Catarina (1984), mestre em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade de São Paulo (1989) e doutor em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade de São Paulo (1993).

7. Professor Leandro Belinaso Guimarães

Professor do Departamento de Metodologia de Ensino (MEN) da UFSC. Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo (USP-Ribeirão Preto), Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

8. Professora Natália Hanazaki

Professora do Departamento de Ecologia e Zoologia (ECZ) da UFSC. Possui graduação em Ecologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1992), mestrado em Ecologia pela Universidade de São Paulo (1997) e doutorado em Ecologia pela Universidade

Estadual de Campinas (2001). Realizou estágio de pós-doutorado junto ao Laboratório de Ecologia e Restauração Florestal (LERF/ESALQ).

9. Professora Paula Cals Brügger Neves

Professora do Departamento de Ecologia e Zoologia (ECZ) da UFSC. Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Santa Catarina (1981), especialização em Hidroecologia (1983), mestrado em Educação - "Educação e Ciência" (1993) e doutorado em Ciências Humanas - "Sociedade e Meio Ambiente" - pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999).

10. Professora Suzani Cassiani

Professora do Departamento de Metodologia de Ensino (MEN) da UFSC. Possui graduação em Ciências Biológicas pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1982), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1995) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2000).

11. Professora Vera Lícia Vaz de Arruda

Professora do Departamento de Ecologia e Zoologia (ECZ) da UFSC no período de 1980 a 2007. Possui graduação em Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Campinas (1975), mestrado em Biologia Celular e Estrutural pela Universidade Estadual de Campinas (1979) e doutorado em Ecologia pela Universidade Estadual de Campinas (1990).

12. Professora Vivian Leyser da Rosa

Professora do Departamento de Biologia Celular, Embriologia e Genética (BEG) da UFSC. Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutora em Educação - Ensino de Ciências pela Universidade Federal de Santa Catarina.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____,
portador do RG _____, declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado(a) pela pesquisadora Manoela Sezerino dos procedimentos que serão utilizados, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade à pesquisa, concordando em participar desta. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

LOCAL E DATA:

NOME E ASSINATURA DO PARTICIPANTE

Manoela Sezerino